



SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

ANO IV • Nº 12 • NOV./DEZ. 2013

SABER COOPERAR

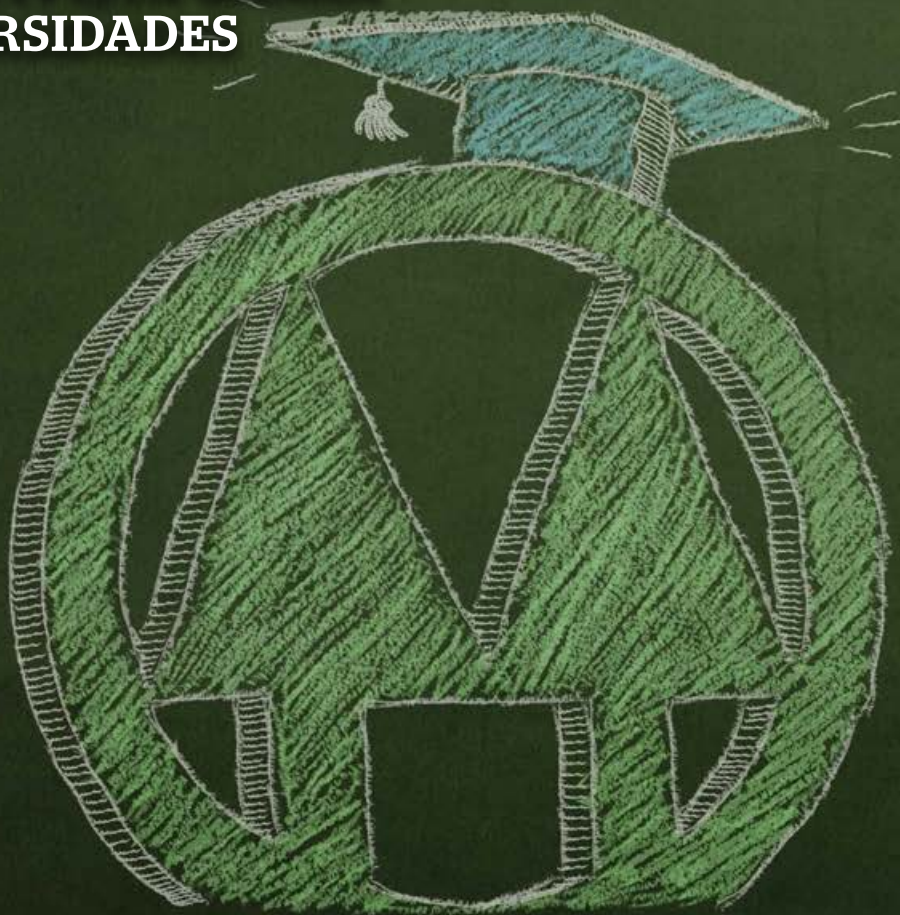
A REVISTA DO COOPERATIVISMO

BRASIL DESPERTA

**MODELO COOPERATIVISTA GANHA
ESPAÇO NAS UNIVERSIDADES**

**QUALIDADE DE VIDA
PROJETOS ESPORTIVOS
E AMBIENTAIS
OTIMIZAM A VIDA DE
COMUNIDADES**

**REFERÊNCIA MUNDIAL
17% DO CAFÉ
CONSUMIDO NO
PLANETA VEM DAS
COOPERATIVAS**



Prêmio SESCOOP

Excelência de Gestão



28 PREMIADAS E UM OBJETIVO ATINGIDO:

**DESENVOLVER AINDA MAIS O
COOPERATIVISMO NO BRASIL.**

O Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão acaba de premiar as 28 cooperativas brasileiras que inovaram seus sistemas de gestão, contribuindo ainda mais para o desenvolvimento do setor no Brasil. Mais que se tornar referência, cada vencedora vai servir de exemplo para o cooperativismo no país. Parabéns a todas as premiadas e participantes.

Para conhecer a relação de cooperativas premiadas,
acesse premiogestao.brasilcooperativo.coop.br

Aba Divulgação



Caminhos abertos

Dia após dia, o cooperativismo conquista espaço. Bem-sucedido, esse modelo de gestão democrática é praticado em muitos países, com resultados animadores. No Brasil, o ensino do cooperativismo ganha cada vez mais espaço nas universidades.

É o que mostra a reportagem de capa desta edição. Apresentamos os principais centros de ensino que incluíram os fundamentos cooperativistas em seus quadros, seja em disciplinas específicas, cursos ou pós-graduações.

Outro claro sinal de expansão da cultura cooperativista pode ser visto na matéria da editoria Nosso Brasil, que mostra dois exemplos de benefícios obtidos pelo entrosamento das cooperativas com as comunidades. São eles os projetos Time Verde, no Mato Grosso, que estimula o plantio de árvores; e, no Paraná, o Despertando Talentos, que desenvolve atividades esportivas para crianças e adolescentes.

O café brasileiro, preferência internacional em termos de qualidade, é outro destaque, principalmente pelo fato de ser produzido e comercializado, em

grande parte, pelas cooperativas. Aproveite para saborear também um pouco da história de Eliana Medeiro, a primeira mulher a assumir o cargo de presidente da Coomagem, no Amazonas. É o nosso cartaz na seção Personagem.

Gente que vale a pena ouvir, aliás, não falta na revista. Nesta edição, o líder cooperativista Roberto Rodrigues inaugura um espaço de memórias. Vai resgatar fatos importantes da história do cooperativismo. O engenheiro José Paulo Silveira fala sobre planejamento estratégico, tema que domina como poucos. E o filósofo Clóvis de Barros, defensor do cooperativismo como ferramenta da democracia, discorre sobre um tema curioso: trabalho e felicidade andam juntos. Que tal conferir?

Boa leitura!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema
OCB





SistemaOCB
CNCOOP - OCB - SESCOOP

CONSELHO NACIONAL

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Erikson Camargo Chandoha – Titular

Vera Lúcia de Oliveira – Suplente

Ministério da Fazenda

Francisco Erismá Oliveira Albuquerque – Titular

Lucas Vieira Matias – Suplente

Ministério da Previdência Social

Dênio Aparecido Ramos – Titular

Alex Pereira Freitas – Suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

João Batista Ferri de Oliveira – Titular

Ministério do Trabalho e Emprego

Fábio Battistello – Titular

REPRESENTANTES DA OCB

Região Centro-Oeste

Onofre Cezário de Souza Filho – Titular

Remy Gorga Neto – Suplente

Região Norte e Nordeste

Cergio Tecchio – Titular

Manoel Valdemiro F. da Rocha – Suplente

Região Sudeste

Ronaldo Ernesto Scucato – Titular

Marcos Diaz – Suplente

Região Sul

Marcos Antônio Zordan – Titular

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Geci Pungan – Titular

Maria Silvana Ramos – Suplente

CONSELHO FISCAL

Representantes do Executivo

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antonio Carrijo Primo – Titular

Helcio Campos Botelho – Suplente

Ministério da Fazenda

Márcio Nahas Ribeiro – Titular

Bruna Adair Miranda – Suplente

Ministério da Previdência Social

Fátima Aparecida Rampin – Titular

Maria de Fátima C. da Cruz – Suplente

Representantes da OCB

Marcos A. Braga da Rocha – Titular

Gilcimar Barros Pureza – Titular

José Aparecido dos Santos – Suplente

Norberto Tomasini – Suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

Marcelino Henrique Queiroz Botelho – Titular

Robespierre Koury Ferreira – Suplente

Diretoria-Executiva

Márcio Lopes de Freitas – Presidente

Renato Nobile – Superintendente

Gerência Geral OCB

Tânia Zanella

Gerência Geral SESCOOP

Karla Oliveira

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, instituição privada e composta por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão máximo de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, fomento e defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do “Sistema S” e responsável pela promoção da educação cooperativista.



CONSELHO EDITORIAL

Adriano Trentin Fassine, Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Renato Nobile, Karla Oliveira, Maria Helena Varnier Manhães, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável

Daniela Lemke (DRT/DF - 5112)

Projeto gráfico, diagramação, redação, edição executiva, revisão e arte-final
Grupo Informe - Comunicação Integrada

Edição

Chico Neto
com Daniela Lemke

Reportagem

Ana Cristina Vilela, Dijanira Goulart e Viviane Marques

Diagramação

Chica Magalhães e Vanessa Farias

Versão digital

Diego Soares

Fotografia

Flora Egécia

Capa / Ilustração

Cícero

Revisão

Beth Nardelli

Tiragem

12 mil exemplares

Impressão

Gráfica Brasil

A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, de responsabilidade do SESCOOP, distribuída gratuitamente.

Endereço: Setor de Autarquias Sul - SAUS - Qd. 4 • Bloco "T" • Brasília-DF (Brasil)
Tel.: +55 (61) 3217-2119 • CEP 70070-936

06

CONEXÃO COOPERATIVA

Comentários e frases sobre o movimento cooperativista

08

ENTREVISTA

O planejamento estratégico na visão do engenheiro metalúrgico José Paulo Silveira, referência nacional em gestão de qualidade

DA PRÁTICA À ESCOLA



12

CAPA

Universidades de todo o Brasil implantam e aprimoram o ensino do cooperativismo. Há disciplinas específicas e cursos de graduação e pós-graduação



SUMÁRIO

20

GOVERNANÇA

Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) propõe desburocratização

22

COOPERANDO

Segurança nas operações atrai associados às cooperativas de crédito, que se diferenciam por alternativas aos serviços oferecidos pelos bancos

26

BOAS PRÁTICAS

Programa Portas Abertas ajuda a promover interação e otimiza troca de informações entre cooperativas de várias regiões do país

30

NOSSO BRASIL

Em Mato Grosso e no Paraná, cooperativas estimulam atividades esportivas que fortalecem também a consciência ambiental



36

INOVAÇÃO

Preferência internacional, o café brasileiro produzido e comercializado pelas cooperativas responde por 17% do produto consumido no mundo

42

ARTIGO

Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB, analisa os principais desafios observados durante o primeiro ano de vigência do Código Florestal



44

BEM-ESTAR

Palestrante muito requisitado no Brasil, o filósofo Clóvis de Barros Filho defende o sistema cooperativista e garante: trabalho traz felicidade



48

PERSONAGEM

Primeira mulher a presidir a Coomapem, Eliana Medeiro consolida a liderança no trabalho pelo bem comum

52

FIQUE DE OLHO

Veja dicas de leitura e eventos relacionados ao universo das cooperativas agendados para esta temporada

53

MEMÓRIAS

O líder cooperativista Roberto Rodrigues escreve sobre suas memórias, em seção que integra a Saber Cooperar a partir desta edição



“ Para milhões de brasileiros do interior do país, as cooperativas de eletrificação rural são a única fonte de luz, a oportunidade de as pessoas terem contato com geladeira, televisão e demais eletrodomésticos. ”

DEPUTADO EDINHO BEZ (SC),
no Plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília

“ O cooperativismo é a união de pessoas voltadas para um objetivo comum, sem visar ao lucro. Como o próprio nome já diz, tem como sua maior finalidade libertar o homem do individualismo, através da cooperação entre seus associados, satisfazendo, assim, as suas necessidades. ”

RENATO KREIMEIER
Presidente da Cooperativa Languiru



Quando dizemos que o cooperativismo movimenta cerca de R\$ 200 bilhões, anualmente, isso significa dizer que se as cooperativas fossem um país, seria um dos maiores PIBs da América Latina. Isso dá uma ideia clara da importância que tem o setor e o Sistema OCB. ”

ECONOMISTA RICARDO AMORIM,
durante a entrega do I Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão, promovido pelo Sistema OCB, em Brasília



“As cooperativas têm a responsabilidade de dar uma face humana à economia global valorizando as pessoas. Com esse foco, nós queremos ser o modelo de negócios líder em sustentabilidade econômica, social e ambiental, o mais conhecido e preferido das pessoas. E tudo isso mantendo um crescimento rápido e intenso.”

MÁRCIO LOPES DE FREITAS

Presidente do Sistema OCB, em visita à cooperativa Sicredi Alto Uruguai RS/SC, em Frederico Westphalen (RS)

“Vejo nas cooperativas uma renovação, e nós precisamos disso. Temos de reconhecer a nossa essência, com um capital forte. Também precisamos resgatar a nossa orientação social. Da mesma forma, há a necessidade de juntar esforços e conquistar marcos legais. Para isso, temos de reforçar a participação ativa dos associados.”

RAMON IMPERIAL

Presidente da Aliança Cooperativa Internacional (ACI) Américas, durante conferência da ACI-Américas, no Guarujá (SP)



Divulgação



Se queremos uma mudança no futuro, devemos investir nos educadores, que formarão cidadãos de opinião.”

RONALDO SCUCATO

Conselheiro Nacional do Sescop e presidente do Sistema Ocemg, durante Encontro de Formação de Educadores Cooperativos, em Belo Horizonte (MG)



O desafio do planejamento

Pontualmente às 14h de uma tarde ensolarada, no sétimo andar de um edifício com vista para a praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, o engenheiro industrial metalúrgico José Paulo Silveira recebe a *Saber Cooperar* para a entrevista desta edição. Fala sobre planejamento estratégico e visão sistêmica, temas que domina com propriedade. Após 26 anos de Petrobras, onde trabalhou principalmente na área de gestão de qualidade, ele saiu da empresa em 1993 e passou pelos ministérios da Ciência e Tecnologia - do qual foi secretário de Energia - e da Fazenda. Atualmente, ele é diretor associado da Macroplan, empresa de consultoria em cenários prospectivos, administração estratégica e gestão orientada para resultados.

Saber Cooperar - Como podemos conceituar visão sistêmica, tema sempre pontual?

A visão sistêmica é uma forma de ver o mundo, é a compreensão da complexidade e da interdependência de todos os fatores que estão em torno de nós. Ela foi definida pelo pesquisador austríaco Karl Ludwig Von Bertalanffy há quase um século. Para o cientista, o mundo em uma visão mecanicista é muito simples e funcionaria por meio de engrenagens lógicas. Já a visão sistêmica envolve muitos fatores internos e externos, forças, colisões de pontos de vista, ambientes interdependentes e mutantes. A pessoa com visão sistêmica tem condições de perceber o movimento integrado entre o ambiente, as decisões e o futuro. Avaliando essa complexidade, quando pensamos em um planejamento estratégico, encontramos muitas opções. Na formulação de estratégias organizacionais, não há consenso absoluto, não há unanimidade. Existem visões diferentes e é bom que seja assim. É um perigo para a estratégia ter uma visão única.



Liderança é inspirar, motivar, orientar, fazer as equipes crescerem. ”



**Dentro desse contexto, como funciona a gestão estratégica?**

O gestor é essencial na visão sistêmica não só para interpretar o mundo, mas para mudar o mundo. Ou seja, falando especificamente, é ele quem conduz a organização em direção ao crescimento e aos melhores resultados. Vamos fazer uma analogia: OCB, SESCOOP e CNCOOP são três navios no mar que necessitam de um plano de navegação para não se chocarem ou seguirem caminhos diferentes. A tradução prática da visão sistêmica é um plano de navegação. No entanto, só o plano de navegação não resolve. É necessário ter em cada navio um piloto - gestor - que saiba pilotar e que tenha estratégias para alcançar o objetivo da embarcação.

Quais são os elementos da estratégia que devem ser adotados pelo gestor?

No momento da formulação da estratégia, é fundamental o gestor dedicar tempo para, isoladamente ou em conjunto - preferencialmente - com seus pares, entender o que está fora da organização. Nossa tendência é sermos introspectivos, porque gostamos de discutir as questões da organização, mas a estratégia depende da melhor compreensão possível do ambiente externo. Precisamos saber o mar que vamos enfrentar. Ou seja, em um plano estratégico, precisamos entender aonde vão a economia, o desenvolvimento social e tecnológico, a política. Essas forças moldam o ambiente de uma organização. O segundo ponto é traduzir isso em estratégias, opções, escolhas. Essas escolhas devem ser consensuais, possibilitando uma interação das instituições (OCB, SESCOOP e CNCOOP).

Como traduzir as estratégias em metas?

Bem, se estamos navegando, precisamos saber aonde vamos chegar. Qual é o alvo? Quero sair da Barra (RJ) e chegar a Cabo Frio em dois dias. Essa é a meta. Meta traduz a transformação que quero obter, o prazo e números. Para que serve a meta? Serve para monitorar e controlar, para verificar se estamos no caminho certo. Os elementos para esse processo são: entender os ambientes externos, fazer escolhas para ter foco e estabelecer metas (controlar e medir). No momento da gestão, da pilotagem, destaco cinco pontos importantes: visão, liderança, motivação, capacitação e coesão da equipe. Visão é importante, pois quem está dirigindo precisa mostrar o caminho. A liderança tem que transmitir essa visão para a equipe por meio da motivação e da capacitação. Às vezes, uma pessoa não enxerga o rumo que a empresa está tomando porque não se encontra adequadamente capacitada para a função. Motivar é mostrar que temos desafios para enfrentar juntos, despertar energia construtiva nas equipes, capacitar a equipe e dar condições para que ela possa executar as tarefas e promover a coesão. Se você tem uma estratégia e cada um vai em dire-



O gestor é essencial na visão sistêmica não só para interpretar o mundo, mas para mudar o mundo. Ou seja, é ele quem conduz a organização em direção ao crescimento e aos melhores resultados. ”



Todos nós temos defeitos e virtudes, e a liderança deve olhar para as virtudes das pessoas da sua equipe e despertar essa energia; dizer ao seu colaborador: 'Você pode'. E, a partir daí, estabelecer uma meta difícil. Não pode ser fácil, porque perde a graça. ”

ções distintas, não existe alinhamento. Ou seja, é importante reunir suas equipes sistematicamente para falar e ouvir. O líder, necessariamente, deve estabelecer prioridades, fazer escolhas. Se o gestor não tiver visão estratégica, ele vai ficar ao sabor das solicitações externas.

Como motivar uma equipe?

Uma equipe fica unida e feliz com grandes desafios. É muito ruim trabalhar em uma organização com objetivos muito pequenos, volúveis. As pessoas, onde quer que estejam, querem ter uma experiência, uma vida interessante. E todos têm condições para isso, mas necessitam de um líder para inspirar, motivar e despertar a energia de cada um. Todos nós temos defeitos e virtudes, e a liderança deve olhar para as virtudes das pessoas da sua equipe e despertar essa energia; dizer ao seu colaborador: “Você pode”. E, a partir daí, estabelecer uma meta difícil. Não pode ser fácil, porque perde a graça.

Como o senhor define inovação no âmbito organizacional?

Qualquer organização tem que ter a mente aberta para a inovação, ou seja, para adotar uma nova solução. “Em time que está ganhando não se mexe” é um ditado assassino. “Isso sempre foi assim”; “isso é muito arriscado”... Tudo isso se fala para manter o status quo (estado atual das coisas). A criação de valor de uma organização depende de você ter disposição e correr o risco da inovação.

Como o senhor vê o papel da liderança nas organizações?

Grande parte dos problemas que o país tem está na falta de gestão e de liderança. Não falta dinheiro, não falta gente competente, não faltam problemas a serem resolvidos. O que falta? Capacidade de gestão e liderança. Vamos entender o que é liderança: não é comando e controle. Liderança é inspirar, motivar, orientar, fazer as equipes crescerem. Gestão não é carimbar papel. Não é dar despacho nem escrever relatório. Gestão é ter visão estratégica, ter capacidade de comunicar esta estratégia para dentro e para fora da organização. É a capacidade de traduzir esses objetivos em ações muito concretas, de controlar e corrigir rumos.

Para o futuro, o que as organizações devem esperar?

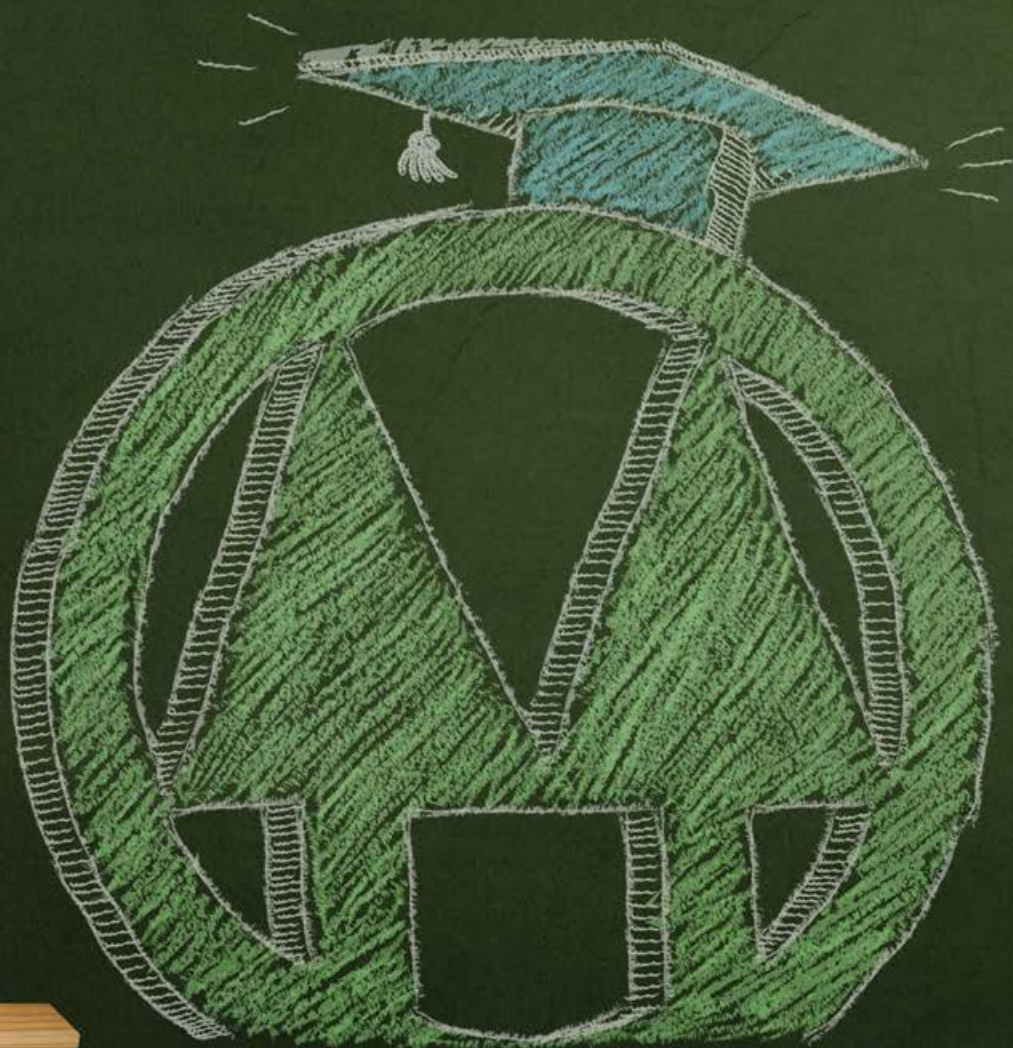
Há uma compreensão equivocada da estratégia, na qual o futuro é uma coisa para depois. Se você pensar que hoje existem tarefas mais importantes para resolver, a rotina vai competir com o estratégico. Isso decorre de uma visão que a pessoa tem de que no estratégico se discute o futuro da organização. Como é atuar estrategicamente? É fazendo do dia de hoje não o último dia do passado, mas o primeiro dia do futuro. “O dia de hoje não é mais um dia em que vou para o escritório, mas sim, hoje é o primeiro dia do futuro, e por isso vou colocar uma energia inovadora, hoje, e respirar o futuro agora”. ■

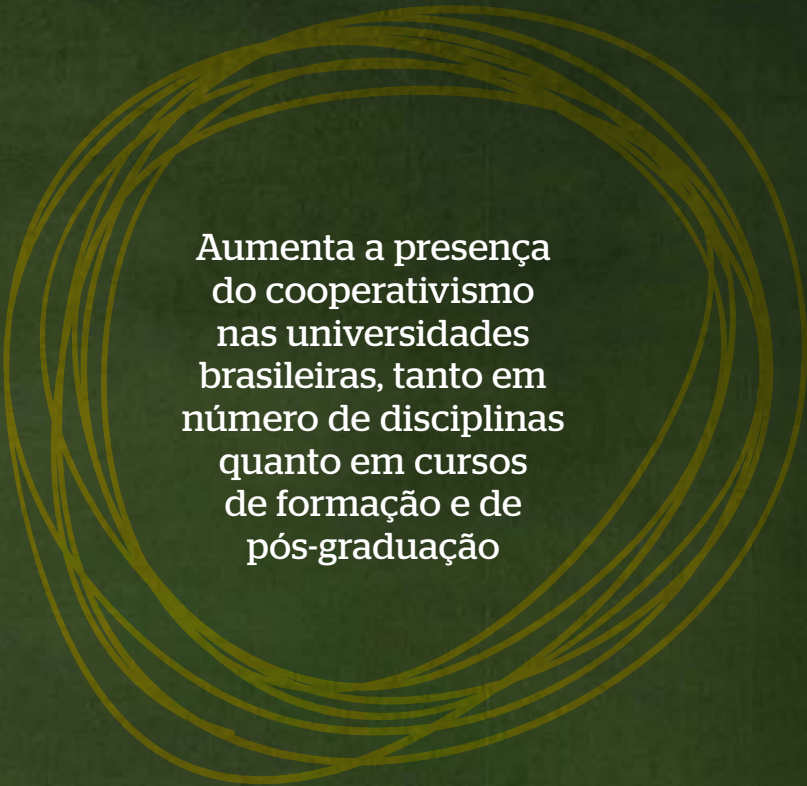


CAPA

Brasil desperta

DA PRÁTICA À ESCOLA





Aumenta a presença do cooperativismo nas universidades brasileiras, tanto em número de disciplinas quanto em cursos de formação e de pós-graduação

Alan e Alair Ferreira de Freitas estavam terminando o ensino médio e, indecisos sobre qual curso universitário seguir, receberam a dica de um tio: gestão de cooperativas, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), cidade onde residiam. Aos 17 anos, os gêmeos não tinham ideia do que seria o cooperativismo, mas resolveram embarcar na sugestão e, em 2004, ingressaram em um dos mais antigos cursos superiores voltados ao cooperativismo do país. Formaram-se e seguiram carreira na área, como pesquisadores e professores da própria UFV.

Os irmãos Freitas são apenas dois exemplos do crescente interes-

se pelo cooperativismo nos bancos universitários, aprendizado atrativo, inclusive, para estudantes que têm contato com o tema pela primeira vez. Outro exemplo do cenário de aproximação entre cooperativismo e a academia é a confirmação da abertura, em 2014, do mestrado profissional em gestão de cooperativas, na PUC-PR, em Curitiba. “Há um vasto campo de pesquisa que, se aplicada, pode gerar muita inovação para as cooperativas, a universidade e o país”, afirma Tomás Sparano Martins, coordenador do curso, que atuará nas linhas de cooperativismo e sustentabilidade e de gestão estratégica de entidades cooperativas. Atualmente, no Paraná, há em andamento 31 turmas de

pós-graduação que reúnem 1,5 mil alunos matriculados, com apoio do SESCOOP/PR.

Um dos primeiros a se formar no curso da UFV, o professor José Horta Valadares continua na universidade e vê com otimismo a inserção do cooperativismo no ensino superior. “A educação cooperativista no Brasil está em franca expansão”, analisa. “Além do Sistema OCB/SESCOOP, com vários programas de formação e capacitação de dirigentes, colaboradores e cooperados, existem propostas inovadoras de universidades em educação e comunicação cooperativista. Também encontramos uma grande oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu*, realizados por im-



Os gêmeos Alan e Alair Ferreira de Freitas formaram-se juntos em gestão de cooperativas, pela Universidade Federal de Viçosa. Hoje, atuam como pesquisadores e professores da instituição, uma das pioneiras em cursos cooperativistas no Brasil



Acervo Pessoal

portantes instituições de ensino em diversos estados, além das que oferecem disciplinas sobre temas do cooperativismo no currículo de seus cursos de graduação.”

O Curso de Especialização em Cooperativismo (Cescoop) foi a primeira pós-graduação no assunto surgida no Brasil, em 1976, na Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), tendo como coordenador o professor pioneiro José Odelso Schneider. Como pesquisador da linha Sociedade, Economia e Emancipação, ele observa um processo gradativo de aproximação entre as cooperativas e as universidades.

“Havia pouco interesse das universidades em acompanhar e analisar modelos alternativos de empresas, tais como as cooperativas, as da economia solidária, de autogestão etc.”, comenta. “De uns poucos anos para cá, houve uma lenta, mas pro-

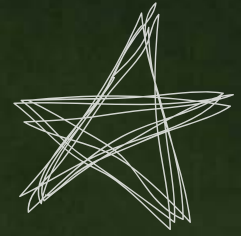
gressiva abertura e interação. Já se promovem encontros, cursos, pesquisas e assessorias.” Schneider coordenou, por 26 anos, a publicação da *Série Cooperativismo*, hoje uma fonte de pesquisa de artigos e ensaios, inclusive em economia solidária e autogestão.

O professor Horta também acompanha o crescimento do espaço do cooperativismo nas instituições de ensino superior. “Haja vista a proliferação das estruturas de Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) em diversas universidades federais, e até mesmo a criação da primeira Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo (Escoop), em Porto Alegre (RS), idealizada pelo SESCOOP/RS”, enumera.

A Escoop conta com uma estrutura física composta por salas de aula, informática, biblioteca e auditório. Oferece a empregados e associados de todo o Brasil o cur-

so superior em gestão de cooperativas. Para o futuro, a instituição pretende implantar também cursos de pós-graduação, doutorado e mestrado, incentivando sempre a pesquisa, a inovação e a gestão cooperativa.

No Mato Grosso do Sul, uma parceria com a Fundação para Pesquisa e Desenvolvimento da Administração, Contabilidade e Economia (Fundace/USP) oferece MBA e está na quarta turma do curso, que já formou 100 alunos e é ministrado na sede do Sistema OCB, em Campo Grande. O coordenador do MBA, professor Jorge Henrique Caldeira de Oliveira, exalta a importância da parceria com a USP: “Temos que levar a universidade, o conhecimento para a comunidade. Cursos de extensão visam a isso, assim como o cooperativismo, e acredito que aí está o futuro da nossa sociedade”.



LACUNAS

Uma visão mais crítica dessa expansão vem, exatamente, de um dos fundadores do Observatório do Cooperativismo - convênio firmado em 2009 entre o Sistema OCB e a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto (FEA-RP/USP) para acompanhar e analisar o cooperativismo no Brasil e no mundo. Diretor da faculdade, Sigismundo Bialoskorski Neto assinala que a educação cooperativista é um assunto muito importante e que o SESCOOP foi um grande avanço para essa atividade, mas ainda há muito a aprimorar.

O Brasil tem um cooperativismo significativo, mas, em termos de envolvimento das universidades e da pesquisa acadêmica, ainda precisa evoluir em comparação a Canadá, Estados Unidos ou Espanha. Assim avalia o professor, que também integra o Programa de Estudos e Pesquisas em Cooperativismo E-Coop e o Center for Organization Studies da USP (CORS).

Bialoskorski cita lacunas importantes a serem preenchidas. A primeira trata da formação de docentes especializados: "Não se tem um programa de formação de professores com experiência e conhecimento. Os cursos são ministrados por profissionais de gestão, marketing ou finanças que nunca vivenciaram ou nem mesmo conhecem os princípios do cooperativismo. Essa é a maior reclamação de alunos e dirigentes de cooperativas".

O especialista cita, ainda, a necessidade de as próprias cooperativas incentivarem o desenvolvimento do tema nas universidades, na forma de recursos, importância e relacionamento, conforme ocorre com frequência no Canadá, por exemplo. E sente falta de uma política consistente que sensibilize as univer-

sidades para o cooperativismo. "No XII e no XIII Congressos Brasileiros do Cooperativismo, houve indicações para a implementação de uma política na qual a disciplina de cooperativismo se tornasse obrigatória para os cursos de administração, economia, contabilidade e direito, entre outros", aponta. "Nas universidades brasileiras, no geral, não há esforço para tratar do tema cooperativismo nas principais escolas de negócios, e isso é um fator limitante, pois os profissionais se formam sem saber o que é o cooperativismo e sua lógica econômica e de gestão, com raras exceções de escolas nas quais o tema é tratado."

Tais exceções são a própria USP, nas FEAs de São Paulo e de Ribeirão Preto; o Senac-MG; e a Universidade Estadual Paulista, entre outras. Na Universidade de Brasília (UnB), a disciplina gestão de cooperativas está presente nos cursos de gestão ambiental e gestão de agronegócios.

Envolvida com o tema há muitos anos, por conta do pai - sócio-fundador de uma cooperativa de crédito no interior de Minas Gerais -, a professora Carolina Lopes conta que o mestrado no Canadá a fez aderir de vez ao discurso do cooperativismo. Ela incentiva seus alunos a seguirem carreira como cooperados, já que gestão ambiental ainda é uma área que oferece poucos empregos formais.

No curso, Carolina apresenta duas linhas: cooperativismo empresarial e economia solidária. "Eles têm que conhecer todas as vertentes teóricas, assim podem beber nas duas fontes para lançarem mão de todas as ferramentas disponíveis", explica ela, que atribui parte da nota semestral a uma feira, na qual os estudantes apresentam o tema para a comunidade acadêmica com base em visitas feitas a cooperativas e entrevistas com gestores.



Ricardo Rossi/Sistema Ocepar



Desembargador Paulo Habith, do Tribunal de Justiça do PR; professor Tomás Sparano Martins; pró-reitor acadêmico da PUC PR, Eduardo Damiano da Silva; e o superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken



Mais do que um curso de mestrado, o objetivo é criar um centro de excelência em pesquisa, principalmente na área de gestão de cooperativas. ”

José Roberto Ricken,
superintendente do Sistema Ocepar

SUL E SUDESTE LIDERAM

Outro ponto a evoluir diz respeito à distribuição. Apesar de iniciativas pontuais nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, a maioria dos cursos e pesquisadores está concentrada no Sul e no Sudeste do Brasil, onde, de acordo com o Relatório 2013 do Observatório do Cooperativismo, se encontram dois terços dos 967 professores e pesquisadores brasileiros. A região Norte, em contrapartida, conta com 48 pesquisadores em 39 instituições. Considerando a produção acadêmica por estados, lideram, pela ordem, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, que juntos somam 63,46% dos trabalhos produzidos.

O Paraná, segundo o professor Bialoskorksi, já dispõe de uma tradição de financiamento de centros tecnológicos de agronomia por cooperativas. E o Sistema Ocepar está diretamente envolvido na criação e estabelecimento do mestrado profissional em gestão de cooperativas, cujas aulas têm início em março de 2014. Uma das motivações da instituição está no crescimento do cooperativismo no estado. Em 2013, esse ramo de atividade movimentou, aproximadamente, R\$ 43 bilhões (em 2003, foram R\$ 15,5 bilhões). “Mais do que um curso de mestrado, o objetivo é criar um centro de excelência em pesquisa, principalmente na área de gestão de cooperativas”, explica o superintendente do Sistema Ocepar, José Roberto Ricken.

Na avaliação de Ricken, a experiência e a boa infraestrutura da PUC-PR contribuíram para que a parceria se firmasse. O coordenador do mestrado, Tomás Martins, conta: “Oferecemos uma série de cursos de pós-graduação, programas de educação continuada cujo objeto de estudo é o cooperativismo, aulas *in company* para o Sistema Ocepar e cursos abertos para o público em geral. Essas experiências anteriores são a base para o programa de mestrado”.

Exemplo de sucesso nesse elo entre o mundo acadêmico e as cooperativas é a Rulescoop. Desde 2005, esta rede une dez universidades europeias e outras dez da América Latina que mantêm centros de estudos, pesquisas e docência em cooperativismo e economia solidária. Os trabalhos desenvolvidos visam atender à demanda das cooperativas.

“Anualmente, alternando Europa e América Latina, pesquisadores e docentes dessas universidades divulgam em congressos suas experiências ao mundo corporativo e ao público em geral”, explica Odelso Schneider, que este ano foi anfitrião do Rulescoop, na Unisinos, entre os dias 3 e 7 de dezembro.

EDUCAÇÃO X CAPACITAÇÃO

Os especialistas alertam para o que consideram uma distância entre capacitar profissionais para o cooperativismo e promover uma educação cooperativista. “Há um grande esforço na educação instrumental nas cooperativas, como cursos profissionalizantes, mas pouco empenho na discussão e na formação para a cooperação e para o cooperativismo”, aponta Bialoskorski, da FEA-RP.

Martins, da PUC-PR, também se preocupa com a qualidade dos cursos voltados ao cooperativismo oferecidos no Brasil: “Muitas iniciativas são adaptações do sistema existente, sem buscar entender o cooperativismo em uma perspectiva própria. Um exemplo é a área de gestão, em que há cursos de especialização que são meras tentativas de aplicar o conhecimento desse tema ao sistema cooperativista”.

O professor se preocupa com o fato de profissionais saírem da universidade tendo que, por conta própria, aplicar o que aprenderam à realidade de uma cooperativa, por ausência de conteúdo específico nos programas de ensino. “Quando busca esse conhecimento em um curso técnico ou especialização

na área de gestão, por exemplo, o aluno corre o risco de encontrar uma mera adaptação de práticas empresariais de mercado nem sempre adequadas a um sistema cooperativo”, afirma Martins.

Schneider, da Unisinos, sinaliza uma percepção crescente, por parte de cooperativas e instituições de ensino, da relevância da educação cooperativa, embora a capacitação receba mais tempo e recursos. “Ainda há um hiato muito grande que separa a educação cooperativa da capacitação cooperativa”, estima. “A capacitação conta com mais recursos e iniciativas porque tende a apresentar resultados em curto ou médio prazo, os quais são mais mensuráveis e visíveis para serem avaliados. Não ocorre o mesmo com a educação cooperativa, com resultados pouco perceptíveis em curto e médio prazo.”

A formação específica em cooperativismo fez toda a diferença para Alair e Alan Freitas, os irmãos gêmeos de Viçosa. Na visão de Alair, um curso superior focado no tema vai além das ferramentas básicas para que se entenda a cooperativa como uma empresa do mercado. “Há um aporte teórico para o entendimento dos processos de cooperação econômica e suas limitações, e também a compreensão de toda a singularidade que distingue as cooperativas das demais empresas mercantis”, avalia. Para Alan, é preciso discutir teoricamente e pensar metodologicamente as especificidades de cada ramo, as tendências e desafios das organizações cooperativas. “O curso na área de cooperativismo possibilita isso”, afirma.

PERSPECTIVAS

E como os especialistas veem a educação para o cooperativismo no Brasil, em alguns anos? Para José Horta Valadares, da UFV, em um mundo caracterizado pelo grande desenvolvimento do conhecimento e da informação, é de se esperar que haja um processo de aceleração. “A educação a distância (EAD) sinaliza caminhos promissores para o desenvolvimento de programas e projetos educacionais no cooperativismo brasileiro”, assevera.

O futuro da educação para o cooperativismo, na opinião de Sigmundo Bialoskorski, vai depender da importância que as próprias cooperativas brasileiras darão à educação, à universidade, ao conhecimento e à pesquisa. Schneider, por sua vez, lembra que nos países escandinavos, por décadas, houve grande investimento em educação associativista e cooperativista. “O movimento cooperativo sueco possui até frota de navios para buscar matérias-primas em outros países, gerando trabalho e renda via cooperativas”, exemplifica.

Ele reforça que é preciso equilibrar a alocação de recursos em capacitação e educação cooperativista. “É a educação que fomenta a assimilação do que é mais peculiar no cooperativismo: sua identidade, seus valores, seus princípios e normas, bem como sua maneira de organização dos empreendimentos econômicos e sociais; enfim, é a sua forma de ser uma presença visível e diferenciada no mercado e na sociedade”, declara.



ESPANHA, INGLATERRA E CANADÁ, AS REFERÊNCIAS MUNDIAIS

Centros de referência e experiências exitosas são uma presença constante na Europa e na América do Norte. Com atuação em dezenas de países, o Co-operative College tem sede em Londres e é um estabelecimento internacional especializado em educação cooperativa. “Talvez um dos únicos”, assinala o diretor da FEA-RP/USP, Sigismundo Bialoskorski Neto. A instituição enviou um representante ao Brasil, em 2008, para o seminário Tendências do Cooperativismo Contemporâneo, no qual foi discutido o desenvolvimento da educação para a cooperação no Brasil.

De acordo com a apresentação no site www.co-op.ac.uk, o Co-operative College “entrega programas que ajudam indivíduos e grupos a conseguir as ferramentas e a compreensão necessárias para colocar os valores e princípios cooperativistas em prática e ajudar a construir empreendimentos cooperativistas bem-sucedidos. Trabalha com uma ampla gama de universidades, departamentos de governos e organizações não governamentais”.

O professor José Horta Valadares, da UFV, cita ainda a Mondragón Corporación Cooperativa (MCC), no País Basco, como caso emblemático de estrutura dedicada ao ensino e à pesquisa cooperativista. Trata-se de

um complexo que comporta universidade com 4 mil alunos, sete escolas cooperativas e 13 cooperativas de pesquisa e de desenvolvimento. “A sofisticação e a alta tecnologia de centenas de produtos produzidos nas fábricas cooperativas do complexo Mondragón fazem delas entidades muito competitivas na Espanha e no mundo, faturando por ano um total de 11 bilhões de euros”, informa.

Segundo Valadares, esse processo todo funciona, primeiramente, como um centro de divulgação do cooperativismo e formação de executivos em cooperativismo; em segundo lugar, como centro de empreendedorismo, portanto, de gestão empresarial. “Também em Mondragón há o Centro de Formação em Otorlora, que realiza cursos de formação diretiva (conselhos), técnica e cooperativa, além de MBAs (com 560 horas/aula), cursos de extensão (250 horas/aula) e seminários técnicos”, descreve.

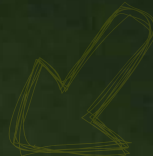
Bialoskorki lembra, ainda, que há centros de excelência em contabilidade cooperativa no Canadá, onde também é forte o estudo de gestão de cooperativas, assim como nos Estados Unidos e na Espanha. “O Brasil precisa se reaproximar do conhecimento gerado internacionalmente”, assinala um dos

fundadores do Observatório do Cooperativismo.

Se depender do mestrado em gestão de cooperativas da PUC-PR, o intercâmbio está garantido. Além de o conteúdo programático ter sido parcialmente elaborado a partir de *benchmarking* com instituições estrangeiras, o curso prevê mestrado “sanduíche” de um mês, visitas técnicas e intercâmbio de professores com as seguintes universidades: Mondragón e San Sebastian (Espanha); Université de Pau et de Pays de L’Adour e de La Salle (França); e Bologna (Itália). “Essas cinco fazem parte de uma proposta inicial, que com certeza será ampliada com base nas necessidades e na demanda dos alunos que ingressarem”, sinaliza o coordenador do mestrado, Tomás Martins. ■

O QUE É

Segundo o consultor e economista Carlos Hilsdorf, pós-graduado em marketing pela FGV, *benchmarking* pode ser compreendido como uma ferramenta de gestão que avalia o desempenho de determinada organização, permitindo que ela compare sua eficiência com a de outras entidades. Tais comparações são feitas, normalmente, tendo como parâmetro a empresa líder de um segmento. Importante: não se trata de copiar o que a concorrência faz, mas de aprender com os concorrentes por meio de observação e comparação das melhores práticas.



OPORTUNIDADES

De cursos presenciais aos de extensão e até MBAs, veja aqui oportunidades para conhecer e se aprofundar no cooperativismo. Caso não haja opções em sua localidade, os cursos a distância podem ser uma boa alternativa.

GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA

Escoop - Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 5 a 6 semestres
www.escoop.edu.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 6 semestres
www.ufpel.edu.br

Universidade Regional Integrada do alto Uruguai e das Missões - URI / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 4 anos
www.reitoria.br

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB / BA
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 3 anos
www.ufrb.edu.br

Faculdade União de Campo Mourão - Unicampo / RS
Título: Graduação em gestão de cooperativas
Duração: 5 semestres
www.faculdadeunicampo.com.br

Faculdade de Jandaia do Sul - Fafijan / PR
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 4 semestres
www.fafijan.br

Universidade Regional Unijui / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 5 semestres
www.unijui.edu.br

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 7 semestres
portal.ufsm.br

Faculdade Novos Horizontes / MG
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 2 anos
www.unihorizontes.br

Faculdade Sumaré / SP
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 5 semestres
www.sumare.edu.br

Colégio Politécnico da UFSM / RS
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 7 semestres
www.politecnico.ufsm.br150

Faculdade Insaeos / RS
Título: Tecnólogo em cooperativismo
Duração: 4 semestres
Carga: 1760 horas
www.insaeos.org.br

GRADUAÇÃO

Universidade Federal de Viçosa - UFV / MG
Título: Cooperativismo
Duração: 9 semestres
www.cooperativismo.ufv.br

GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

Universidade Católica Dom Bosco - UCDB / MS
Título: Gestão de cooperativas
Duração: 2 anos
www.virtual.ucdb.br

Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul / SC
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 2 anos
www.unisul.br

Universidade Luterana do Brasil - Ulbra / SP
Título: Tecnologia em gestão de cooperativas
Duração: 2 anos
www.projeaocursos.com.br

MBA

Sistema OCB/MS (com Fundace - USP)
Título: Gestão estratégica de cooperativas
Duração: 4 semestres
www.ocbms.org.br

Faculdade Pedro Leopoldo / MG
Título: Gestão de cooperativas
Carga: 360 horas
www.educaedu-brasil.com

Unijui / RS
Título: Gestão de cooperativas
www.unijui.edu.br

Univates / RS
Título: Gestão de cooperativas
www.univates.br

ESPECIALIZAÇÃO

Unisinos - RS
Título: Cooperativismo
Carga: 138 horas
www.unisinos.br

CURSOS PARA COOPERATIVAS

Cursos cooperativistas - Viçosa / MG
www.cursoscooperativistas.com.br

Campic Consultoria Jr
Empresa júnior dos estudantes de cooperativismo da UFV
Título: Consultoria para cooperativas
www.campic.ufv.br

DISCIPLINAS LIGADAS AO COOPERATIVISMO

USP - Universidade de São Paulo, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA)
Título: Administração de organizações do terceiro setor
Título: Contabilidade do terceiro setor
Título: Contabilidade de cooperativas

USP - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP)
Título: Economia de empresas, organizações e cooperativas
Título: Contabilidade aplicada ao terceiro setor

Escola Superior de Agricultura Luis de Queiroz
Título: Agribusiness cooperativo

Escola de Artes, Ciências e Humanidades
Título: Gestão de políticas em cooperativismo social

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp
Título: Cooperativismo

UnB - Campus Planaltina / DF
Título: Gestão de cooperativas
Cursos: Gestão ambiental e Gestão do agronegócio

Faculdade Senac / MG
Título: Sociedades cooperativas
Curso: Ciências contábeis, 8º período

PUC Minas Gerais
Título: Gestão estratégica em sociedades cooperativas

Fontes: Sistema OCB e Observatório do Cooperativismo



Hora de simplificar

Sistema OCB oferece apoio às cooperativas para adequação ao eSocial, mecanismo criado para desburocratizar processos trabalhistas

As cooperativas de todo o Brasil devem se preparar para adequação ao Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial). A ferramenta é um projeto do Sistema Público de Escrituração Digital (SPED), implantado pelo governo federal para desburocratizar, simplificar o cumprimento das obrigações trabalhistas e aumentar a fiscalização do governo sobre empresas, ampliar controle fiscal sobre os empregadores e garantir os direitos dos trabalhadores.

A intenção é unificar o envio de informações pelo empregador em relação aos seus empregados. O eSocial estabelece a emissão, de forma digital, das informações de folha de pagamento e das obrigações previdenciárias, trabalhistas e fiscais ao governo. Foi elaborado por meio de uma ação conjunta entre Ministério do Trabalho e Emprego, Caixa Econômica Federal, Instituto Nacional do Seguro Social,

Ministério da Previdência Social e Receita Federal do Brasil.

Segundo o coordenador de Sistemas da Atividade Fiscal da Receita Federal, Daniel Belmiro Fontes, o eSocial busca trazer para o empregador melhoria na gestão de informações na área das relações de trabalho, maior segurança jurídica, transparência e redução dos custos de administração para geração das informações. “O projeto não cria nenhuma nova obrigação legal, apenas modifica a forma de cumprir as obrigações atualmente existentes, de uma maneira racional e lógica, aderente ao modelo de folha de pagamento que existe no mercado”, explica.

Ele esclarece que o eSocial não traz novas exigências, apenas centraliza a transmissão de informações. O que antes era realizado por meios separados agora vai ser feito por um canal único. Para que o empregador possa se adequar mais rapidamente ao eSocial, Belmiro recomenda uma análise da qualida-



Flora Egécia

Carlos Baena,
coordenador de Processos da Gerência Financeira do Sistema OCB: fluxo otimizado

de das suas informações de cadastro, seja de tabelas corporativas ou do registro de empregados e cooperados. Na maioria das vezes, observa, a solução de problemas nessas áreas passa primeiramente pela revisão dos processos internos atuais e por maior integração entre as áreas da empresa ou da cooperativa.

“A empresa que já opera dentro da conformidade com as normas

existentes dificilmente terá problemas na geração do eSocial”, assegura. “Já aquela que ainda não conseguiu uma normalidade na geração de sua folha de pagamento tem uma ótima oportunidade para corrigir os rumos e se adequar até a implementação final da nova escrituração. O que queremos é evitar passivos fiscais e trabalhistas desnecessários e garantir ao trabalhador brasileiro o exercício pleno de seus direitos.”

Na avaliação do coordenador de processos de Gerência Financeira (Gefin) do Sistema OCB, Carlos Baena, o eSocial veio para simplificar a transmissão de informações. Ele recomenda que as cooperativas se organizem, analisando a melhor forma de centralizar e consolidar suas informações, bem como adequar seus sistemas de folha de pagamento aos padrões do eSocial. Com isso, reforça, o fluxo de informações será otimizado. “O Sistema OCB vai apoiar as cooperativas nesse momento de transição”, esclarece. “Vamos ministrar cursos para os profissionais responsáveis pela geração dessas informações para que sejam criadas da forma correta. Nossa intenção é evitar transtornos para as cooperativas.”

TRANSIÇÃO

O Ato Declaratório nº 5, de 17/07/2013, emitido pela Receita Federal, aprovou o plano do eSocial, inicialmente previsto para vigorar a partir de janeiro de 2014. O cronograma, porém, foi alterado, e agora será progressivo, de acordo com o porte da empresa.

A implementação do eSocial será feita de maneira gradual. A expectativa é de que apenas os grandes empregadores enquadrados em Lucro Real iniciem o cadastramento em janeiro próximo, encerrando em 30/04/2014. Haverá um período dedicado apenas ao cadastramento inicial dos funcionários. Em seguida, abrem-se as temporadas para inclusão dos Registros dos Eventos Trabalhistas e de informações relacionadas à folha de pagamento. Para o MEI e Pequeno Produtor Rural, a Implantação com Recolhimento Unificado está prevista para o fim do primeiro semestre de 2014. Somente a partir de setembro de 2014, as empresas optantes pelo Lucro Presumido e as que integram o Simples Nacional passarão pelo mesmo processo, que tem conclusão prevista para dezembro.



Flora Egécia

PALAVRA DE ESPECIALISTA

“A principal vantagem advinda do eSocial para os trabalhadores, cooperados ou não, será, sem dúvida, a melhoria da qualidade das informações prestadas ao Estado pelos tomadores de serviço em relação aos serviços prestados. A qualidade dessas informações é que pode garantir efetivamente o exercício, pelos trabalhadores, dos direitos decorrentes de seu trabalho. Outra grande vantagem será a melhoria dos serviços prestados pelo Estado ao trabalhador. Uma vez que todas as informações estarão disponíveis e acessíveis em um único lugar, não será mais necessário ao trabalhador recorrer a diversos órgãos para poder ter acesso a um determinado serviço. Acreditamos que o eSocial será de fato um divisor de águas na vida do trabalhador. A partir de sua implementação, todos os registros relativos à sua vida laboral estarão armazenados em um ambiente seguro e confiável, e não mais em arquivos guardados apenas pelas empresas e em uma Carteira de Trabalho em papel, que muitas vezes se extravia ou estraga. Além disso, acreditamos que, com a simplificação dos processos para os tomadores de serviço, haverá um aumento da formalização e a diminuição considerável de erros na prestação da informação, o que muitas vezes faz com que o trabalhador tenha problemas na hora de exercer seus direitos.” ■

** José Alberto Maia, auditor-fiscal do Trabalho e coordenador do GT eSocial-MTE.*



VEJA MAIS
NA REVISTA DIGITAL



COOPERANDO

Garantia e segurança

Líderes cooperativistas, técnicos do Banco Central e profissionais do ramo de crédito visitam a Academia das Cooperativas Alemãs, num castelo em Montabaur: exemplos a serem seguidos

Daniela Lemke



Instituições financeiras cooperativas conquistam cada vez mais associados. Segurança nas operações realizadas abre alternativas para o sistema tradicional oferecido pelos bancos

Mais solidez, credibilidade e novos horizontes de investimento no cooperativismo de crédito: eis o que o Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop) trará ao setor. Lançado pelo Banco Central do Brasil, o instrumento é fundamental para as cooperativas de crédito de todo o país enfrentarem as turbulências inerentes ao mercado financeiro.

O FGCoop não exerce qualquer função pública, inclusive por delegação. Sua função é proteger os cooperados das instituições associadas, respeitados os limites e condições estabelecidos no seu regulamento. Atualmente, os depósitos realizados em cooperativas já são garantidos por fundos próprios definidos pelos respectivos subsistemas.

De um lado, o Fundo permite que as reservas assegurem créditos de titularidade dos associados nos casos de interrupção das atividades de cooperativa ou banco associado. De outro, em caráter preventivo, o sistema assegura assistência ou suporte financeiros a essas mesmas entidades, para impedir que fechem as suas portas.

Em comum com o Fundo Garantidor de Crédito (FGC) dos bancos, o FGCoop tem o objetivo de proteger os depositantes. Sua estrutura, no entanto, é independente. O modelo brasileiro segue, em parte, o alemão, que conta com um fundo garantidor para bancos e outro para cooperativas. Para se ter uma ideia da eficiência do sistema, na Alemanha, há 70 anos não se conhece um único caso de liquidação de cooperativa.





CRESCIMENTO

No Brasil, o cooperativismo de crédito tem papel de destaque na inclusão econômica e social, oferecendo educação financeira e serviços a taxas mais atrativas que os bancos. Em 2012, o cooperativismo de crédito manteve uma média de crescimento trimestral de 4,8%, ultrapassando, no fim do ano, o volume de R\$ 100 bilhões em ativos. Já as outras instituições que compõem o Sistema Financeiro Nacional registraram crescimento próximo a 4,2%.

O Banco Central do Brasil, como órgão regulador, teve atuação determinante no processo de crescimento do cooperativismo de crédito. Seus direcionamentos e o diálogo permanente com o setor cooperativista foram fundamentais para o desenvolvimento e a profissionalização da gestão das cooperativas. E essa aliança estratégica continua firme e cada vez mais forte.

Ao contemplar o universo das cooperativas, o FGCoop assume o papel de canal oficial para dialogar sobre a situação econômico-financeira das entidades associadas. Por meio do novo sistema, será possível eleger modelos de risco e formas de avaliação, bem como definir as condições de acompanhamento das instituições, inclusive com relação aos serviços de auditoria. “Este é o momento do cooperativismo de crédito no Brasil”, avalia o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

“O grupo vem atuando em harmonia para oferecer, cada vez mais, essa ferramenta de desenvolvimen-



Precisamos aprender com a crise. ”

Hervé Guider,
diretor-geral da Associação Europeia dos Bancos Cooperativos (EACB),

to econômico e social, o crédito cooperativo”, avalia Lopes de Freitas, referindo-se ao trabalho das equipes técnicas, de representantes do Conselho Consultivo de Crédito da OCB e do Banco Central. É um novo tempo que se abre para a realidade dos cooperados brasileiros.

O EXEMPLO DOS ALEMÃES

Há cinco anos, a falência do Lehman Brothers (banco de investimentos com atuação global, com sede em Nova York, EUA) levou à economia mundial uma tormenta com graves consequências que continuam ainda nos dias de hoje. Com uma das mais eficientes redes de cooperativas de crédito do mundo, a Alemanha foi o país menos afetado. O cenário em que os bancos cooperativos respondem por algo próximo a 30% do sistema do país ajudou a consolidar o preparo dos alemães para tempos de instabilidade.

“Precisamos aprender com a crise”, avaliou Hervé Guider, dire-

tor-geral da Associação Europeia dos Bancos Cooperativos (EACB), ao receber uma comitiva formada por líderes cooperativistas, técnicos do Banco Central e profissionais do ramo de crédito que viajaram à Alemanha para entender como funciona o sistema de crédito cooperativo. Além de conhecer de perto o Banco Central Alemão, o grupo visitou instituições de controle, monitoramento e supervisão, bancos cooperativos e confederações.

A iniciativa do Sistema OCB faz parte do Projeto de Prospecção de Boas Práticas e Aprendizado Experimental em Cooperativismo de Crédito. O objetivo foi ampliar o conhecimento sobre os bancos cooperativos alemães para posteriormente propor ações de fomento ao cooperativismo nacional. E parece que o bom exemplo tem sido seguido pelas instituições cooperativistas brasileiras: entre o fim de 2008 e o início de 2009, quando o sistema financeiro nacional apresentava recuo de até 6%, as cooperativas de crédito cresceram, em média, 26%.

Blair Costa D'Ávila, do Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi), lembra que muitas cooperativas brasileiras se inspiram no método alemão e destaca que a visita à Alemanha foi “uma oportunidade de avaliar adequadamente os modelos que são perseguidos em nosso país, há muito”. Para Jonas Alberto Klein, da Confederação das Cooperativas Centrais de Crédito Rural com Intenção Solidária (Confesol), não há dúvida: “Temos muito a aprender e estamos no caminho certo”.

EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Faz 15 anos que Ronildo Antônio de Oliveira (foto), funcionário do Tribunal Superior do Trabalho (TST), é associado à Cooperativa de Crédito da Justiça do Trabalho (Credijustra), entidade filiada à Central DF Siscoob. Entusiasmado pela segurança do sistema, garantiu mais duas filiações: as da mulher, Rita, e das duas filhas, Lorena e Clarice. Em linhas gerais, Ronildo confirma sua satisfação com a escolha desse sistema de crédito direto.

EM CASA - “Minha esposa é afiliada, minhas filhas também. Eu fico orgulhoso. Tudo de que elas precisam está lá. Qualquer coisa, conversamos com a Rosa, que é a gerente, e ela resolve.”

COMODIDADE - “Lá (na Credijustra), Rosa conhece meu perfil, sabe o tipo de cliente que sou. Em um banco, eles poderiam até fazer um cartão para mim, mas eu teria de cumprir uma série de exigências, inclusive comprar produtos do banco, operação que, aliás, é proibida por lei.”

RAPIDEZ - “Tenho a maior facilidade para fazer saques. Uma vez, saí de minha cidade (Paineiras, interior de Minas Gerais) e fui a outra, a cerca de cento e poucos quilômetros

de distância. Ao chegar, precisei fazer um saque e descobri que tinha esquecido a carteira em casa. Estava andando pela cidadezinha, vi uma agência do Sicoob, entrei e procurei a gerente, que ligou para a Credijustra. Pouco tempo depois, me passou o telefone. Era a Rosa, dizendo: ‘Só queria saber se era você mesmo que estava aí’. Pronto, tudo resolvido. Em qual banco eu teria um tratamento desses?”

FUNDO GARANTIDOR - “Traz bem mais confiança. Toda vez que procurei alguém do conselho fiscal ou administrativo da cooperativa para saber como estava a situação, saí tranquilo. Conheço todas as pessoas envolvidas no empreendimento, tenho liberdade para perguntar e confio no que eles falam”.

EXPERIÊNCIA - “Não tenho acompanhado as assembleias, mas sempre estou em contato com quem acompanha. O que vejo é que muitos cooperados não têm a dimensão do que é uma cooperativa, não têm aquela noção de que tudo ali é da gente - porque, afinal de contas, a gente participa de todos os resultados. Não existe, na gerência da cooperativa de crédito, aquela postura de ‘donos’ do negócio. É isso que eu acho que precisa ser mais divulgado, esclarecido entre os cooperados”



DIFERENCIAL - “Uma vez, fui conversar com a gerente de um banco porque meu tio havia caído em um golpe e fez um depósito indevido naquela agência, valor que o golpista, do outro lado, sacou imediatamente. Falei com a gerente, que já conhecia esse golpe, e ela me atendeu. Quando terminou, fez o convite para eu abrir uma conta naquele banco. Em menos de três minutos, eu a convenci de que não sairia da Credijustra.”

CONSERVADORISMO - “Fico pensando em como não temos, no Brasil, a tradição do cooperativismo. Nós somos muito conservadores, até para comprar carro. Durante esse tempo em que sou afiliado, já fiz teste com outras formas de obter crédito. E o que eles me ofereciam não tinha vantagem nenhuma. A Credijustra, que eu conheço e acompanho, eu indicaria na hora para qualquer familiar ou amigo.” ■





ENTRE,
a casa
É SUA

Conheça de perto o Sistema OCB, que trabalha para defender os interesses das cooperativas brasileiras

Mostrar como é desenvolvido o trabalho do Sistema OCB e estreitar os laços com as cooperativas de todo o país são os objetivos do programa Portas Abertas. Iniciado em outubro deste ano, o projeto é uma iniciativa do Sistema OCB voltada para cooperativas de todo o Brasil, com o apoio das Unidades Estaduais. Em 2013, o Portas Abertas recebeu sete turmas que, ao todo, reuniram 150 representantes de cooperativas de todas as regiões do Brasil.

O superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile, explica que a ideia surgiu da necessidade de fortalecer as relações com as cooperativas brasileiras e de disseminar a importância das atividades desenvolvidas pelas entidades - OCB, Sescop e CNCoop. "A nossa intenção é ser transparente", resume. "Queremos mostrar para as cooperativas que, enquanto elas estão desenvolvendo suas atividades, o Sistema OCB está trabalhando para ampliar marcos regulatórios e políticas públicas que sejam adequadas para o desenvolvimento do setor. Nossa meta é que o movimento cooperativista esteja sempre presente na agenda de debates políticos, a fim de gerar ações que sejam adequadas aos interesses dos cooperados."

Além disso, segundo o superintendente, essa aproximação é uma oportunidade para as pessoas conhecerem os pro-

jetos do Sescop que auxiliam na formação profissional dos cooperados, no monitoramento das cooperativas e na promoção social da comunidade.

Os sete primeiros grupos recebidos pelo Portas Abertas foram turmas-piloto, formadas por cooperativas classificadas entre as 150 melhores colocadas no Prêmio Sescop Excelência de Gestão. Como parte da premiação, elas vieram participar do workshop Plano de Melhorias, orientadas por profissionais da Fundação Nacional da Qualidade. A programação, que ocorre em Brasília (DF), começa com uma visita à sede do Sistema OCB. Os participantes assistem a uma apresentação institucional do trabalho realizado na Casa do Cooperativismo e aproveitam a oportunidade para relatar suas experiências, dificuldades e demandas. Em seguida, visitam o Congresso Nacional.

Uma atividade que personifica o projeto são as visitas a entidades parceiras planejadas de acordo com a área de atuação de cada turma. Isso significa que representantes das cooperativas do ramo crédito poderão visitar o Banco Central, enquanto cooperados do setor agropecuário têm visita agendada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e assim por diante, dependendo do ramo.

A gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB, Fabíola Nader Motta, explica que



Flora Egécia



Nossa meta é que o movimento cooperativista esteja sempre presente na agenda de debates políticos, a fim de gerar ações que sejam adequadas aos interesses dos cooperados. ”

Renato Nobile,
Superintendente do Sistema OCB



o Portas Abertas promove, também, uma troca de informações entre os cooperados. A cada visita novas experiências são adquiridas. “É uma oportunidade de acolher os cooperados de todo o Brasil na Casa do Cooperativismo e apresentar as atividades desenvolvidas pelo Sistema OCB. O contato direto com nosso público nos ensina muito”, conta Fabíola.

OS VISITANTES

A presidente da Cooperativa Educacional Magna de Santa Catarina (CEM), Elizeth Pelegrini, participou da quinta turma do Portas Abertas e considerou a iniciativa muito interessante. No seu entender, é uma oportunidade de conhecer as diferentes realidades do país, o que, conforme avalia, favorece o aprimoramento das ações de gestão das cooperativas e da in-

tercooperação, o que é de vital importância para a manutenção do movimento cooperativista. “O projeto é espetacular”, elogia. “Pude conhecer a estrutura do Sistema OCB, entendi onde estamos inseridos e sinto muito orgulho de estar dentro desse sistema.”

A aproximação entre o Sistema OCB e os cooperados é muito importante, na medida em que representa uma forma de perceber a ação dentro das nossas cooperativas. Assim entendeu a presidente da Cooperativa dos Profissionais de Enfermagem do Ceará (Coopen-CE), Nagila Gurgel, para quem o projeto também é fundamental para dar visibilidade ao Sistema OCB. “Nós entramos de fato na instituição, conhecemos a rotina e as atividades que são desenvolvidas aqui e, principalmente, reforçamos a importância do apoio que a unidade nacional pode oferecer às regionais”, relatou.



Pude conhecer a estrutura do Sistema OCB, entendi onde estamos inseridos e sinto muito orgulho de estar dentro desse sistema. ”

Elizeth Pelegrini
Presidente da Cooperativa Educacional Magna de Santa Catarina (CEM)



A representante do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no estado da Paraíba (Sescoop-PB), Djane Almeida de Queiroz, gostou bastante de ouvir os relatos dos participantes. Lembrou que essa é uma forma de aprender com as experiências de outras cooperativas: “Desse projeto, eu levo para a Paraíba novos conhecimentos que adquiri ouvindo colegas de outras unidades da Federação. Eu vejo o Portas Abertas como uma oportunidade de aprimorar nossos conhecimentos e de fazer novos contatos profissionais, e tudo isso é muito proveitoso.”

De Minas Gerais, o representante da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Usiminas (Consul), Divaldo Pires Guerra, considera excelente a iniciativa do projeto, em especial por mostrar o trabalho desenvolvido na Casa do Cooperativismo. “Nós tivemos a oportunidade de conhecer melhor o Sistema OCB. Recebemos informações detalhadas das funções da instituição. Agora sei o que o sistema faz, como pode nos ajudar e qual o papel que desempenha junto às autoridades.”

PERSPECTIVAS

Apesar de muito novo, o Portas Abertas já traz bons resultados. Segundo Fabíola Motta, os participantes passam a entender o foco de atuação da entidade e começam a compreender melhor a importância do Sistema OCB. “Nós estamos recebendo um retorno bastante positivo. Muitas pessoas que participaram da turma-piloto disseram que querem encaminhar outros integrantes de suas cooperativas para que também tenham a oportunidade de conhecer as atividades do Sistema OCB. A nossa intenção é fazer com que todas as cooperativas participem do Portas Abertas. Acredito que o projeto muda a visão dos cooperados”, analisa.

Para Fabíola, as turmas-piloto funcionaram muito bem e serviram como objeto de análise para fundamentar a expansão do projeto. Em 2014, estão sendo previstas melhorias para o programa. A primeira mudança é ampliar para dois dias o período de atividades. A ideia é que os cooperados possam conhecer com mais tempo as instituições parceiras. Além disso, está em estudo o processo de seleção das próximas turmas, em que terão prioridade as cooperativas participantes do Programa de Desenvolvimento da Gestão das Cooperativas (PDGC). ■



Grupo de visitantes do Portas Abertas



Cooperativas que fazem um **BRASIL MELHOR**

A essência do cooperativismo vai além dos associados. Em Mato Grosso e no Paraná, as cooperativas estimulam jovens a praticar esportes e desenvolver a consciência ambiental





Uma das linhas mestras do cooperativismo é o foco na comunidade. Time Verde e Despertando Talentos, projetos geridos pelo Sicredi Ouro Verde, do Mato Grosso, e a Copa Coamo, realizada pela Coamo - Agroindustrial Cooperativa, do Paraná, são exemplos de práticas sociais exercidas por cooperativas. O Time Verde é um projeto desenvolvido em parceria com o clube de futebol Luverdense e visa ao plantio de mudas de árvores. Já o Despertando Talentos insere crianças e adolescentes no mundo da cultura e do esporte, que também é o tema da Copa Coamo, que abre aos cooperados a oportunidade de se integrarem por meio de um campeonato de futebol.

Inclusão social e cuidado com a natureza são os motes desses projetos, que ganham a dimensão de causas cooperativistas. Questões como a do aquecimento global, por exemplo, fazem parte das preocupações do Sicredi, que, em 2010, criou o Time Verde, projeto desenvolvido em parceria com o Luverdense, clube oficial de Lucas do Rio Verde, cidade sede da cooperativa, que patrocina o time desde a sua fundação, em 2004.

O palco do Time Verde é o Estádio Municipal Passo das Emas, onde os jogos do Luverdense são realizados. A iniciativa surgiu em torno de um cálculo segundo o qual cada pessoa presente em um evento cultural ou esportivo é responsável pela emissão de 14kg de gás carbônico - que contribui para o aquecimento global. A proposta é compensar esta emissão por meio do plantio de árvores que promoverão o sequestro do gás. Cada árvore plantada tem a capacidade de neutralizar até 350kg do gás carbônico.



O projeto ajuda no desempenho escolar, pois trabalha a disciplina e constrói regras, contribuindo, assim, para a aprendizagem. ”

Ida Maria Timm Pedrollo
Secretária de Educação de Nova Mutum,
sobre o projeto Despertando Talentos



O projeto deu certo. As áreas de preservação de Lucas do Rio Verde já receberam 800 mudas de ipês, doadas pelo horto municipal. A escolha das espécies respeita a flora da região. Quem coloca a mão na terra são colaboradores e diretores do Sicredi e do Luverdense, com a contribuição de integrantes da Secretaria de Meio Ambiente municipal. Após o plantio, a secretaria também acompanha o desenvolvimento das futuras árvores.

O objetivo inicial, segundo Edu Laudi Pascoski, diretor do Luverdense, foi ter um time de futebol engajado na defesa do meio ambiente. “O benefício para o Luverdense é o reconhecimento de que o clube tem uma preocupação ambiental e desenvolve um projeto de compensação de carbono emitido pelas pessoas aglomeradas em uma partida de futebol no Passo das Emas”, explica. Segundo Pascoski, a participação do Sicredi tem sido fundamental. “A parceria nos deu maior credibilidade, e assim fizemos o projeto avançar mais rapidamente, até mesmo com a Secretaria Municipal de Esportes, levando à concretização de um projeto que estava apenas no papel.”

Abraçar projetos que incentivem o desenvolvimento da região de abrangência da cooperativa é parte da linha de ação do Sicredi Ouro Verde. O presidente da cooperativa, Eledir Pedro Techio, avalia: “Muito mais que patrocinar uma equipe de futebol, apoiar iniciativas como o Time Verde demonstra a preocupação com a sustentabilidade e a conscientização de toda a população sobre os cuidados com o meio ambiente. Esperamos que muitas árvores ainda sejam plantadas”.



INCLUSÃO

Enquanto Lucas do Rio Verde ganha mudas de árvores, a menos de 100 quilômetros dali, as crianças e os adolescentes da cidade de Nova Mutum são envolvidos em atividades culturais e esportivas. É o Despertando Talentos, projeto desenvolvido pelo Sicredi Ouro Verde e pela Prefeitura Municipal de Nova Mutum. Criar oportunidade de participar de cursos nessas áreas é o objetivo principal do programa, que tem na inclusão sua palavra-chave.

A ideia tomou corpo a partir de um estudo que identificou 340 crianças e adolescentes em situação ociosa, sem atividades no contraturno escolar e aos sábados. Daí surgiu o projeto Despertando Talentos, um plano de intensificar a integração entre cooperativa e comunidade. O primeiro passo foi a criação de uma escola de futebol de salão, vôlei, handebol, basquete e natação.

O projeto, iniciado em 2006, visava apenas ao público ligado à cooperativa. Mas o sucesso foi tão grande que a repercussão tomou conta de Nova Mutum, exigindo a ampliação das atividades. Foi então que a cooperativa e o poder público se uniram em prol da melhoria da capacidade de atendimento. À época, beneficiou 2.554 crianças e adolescentes.

Na área do esporte, foram incluídos capoeira e skate. Posteriormente, criaram-se oficinas de cultura, com desenho em grafite, balé, jazz, criação de história e de-

senho em quadrinhos, teatro, danças regionais, hip hop, artesanato, construção de berimbau, fotografia, aulas de guitarra, viola, violão, bateria e teclado. Atualmente, 2.300 jovens são atendidos, com uma condição: é preciso manter a frequência escolar.

Hoje, quem atua no projeto fala dos resultados e do orgulho de poder difundir cultura, educação e esporte em vários pontos da cidade, transformando a ociosidade em um tempo de aprendizado. “Estamos integrando, direta e indiretamente, cooperativa, comunidade e escola, pautados no 5º e no 7º princípios do cooperativismo: educação, formação e informação e interesse pela comunidade”, afirma Alceu Mognon, vice-presidente do Sicredi Ouro Verde. “Assim, temos a sensação de cumprir a nossa responsabilidade social enquanto cooperativa.”

Os resultados com os alunos são perceptíveis, garante a secretária municipal de Educação, Ida Maria Timm Pedrollo. “O projeto ajuda no desempenho escolar, pois trabalha a disciplina e constrói regras, contribuindo, assim, para a aprendizagem”, analisa. Como se trata de um programa de inclusão social, destaca ela, há ainda mais um grande mérito: “Garante a proteção das crianças e adolescentes expostos a situações de risco”.



20 mil

Público estimado da Copa Coamo, realizada desde 1993 pela Coamo de Campo Mourão, no Paraná





Assessoria de Imprensa Coamo

UM GOL DE PLACA

O esporte também é, há 20 anos, a via de integração adotada pela Coamo. Tudo começou com o empenho em criar atividades de lazer para os cooperados. Hoje, os campeonatos costumam reunir mais de 7 mil atletas e dirigentes. Considerada o maior evento esportivo rural do Brasil, a Copa Coamo é realizada em campos de futebol de Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Paraná, com final em Campo Mourão/PR. Este ano, em sua 12ª edição, a Copa registrou um público de aproximadamente 20 mil pessoas e cerca de 500 equipes.

Quando o coordenador-geral da Copa Coamo, Paulo Gilmar Fuzetto, foi incumbido de organizar uma equipe para criar um projeto de lazer destinado aos cooperados, jamais imaginou que o torneio de futebol criado em 1993 ganharia as dimensões atuais. A competição foi moldada seguindo o exemplo dos jogos realizados entre funcio-

nários (JIU). O formato é o mesmo até hoje. “Para nossa surpresa, inscreveram-se 389 equipes”, conta Fuzetto. “Foi um sucesso total e os cooperados gostaram da ideia, assim como os funcionários e a diretoria da Coamo, que, desde então, não mede esforços para a realização do evento.”

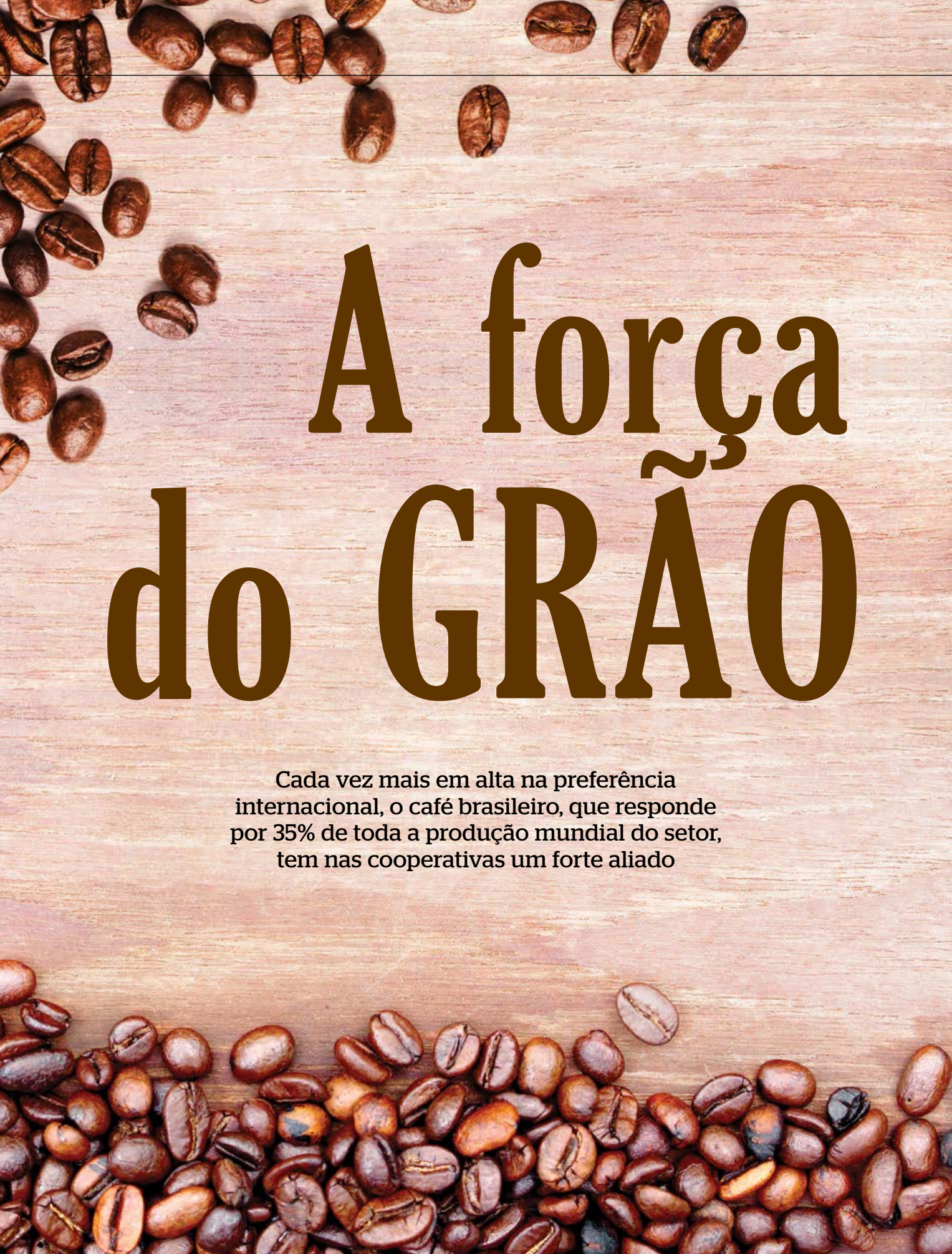
A procura foi tão grande que a Copa logo passou a ser realizada a cada dois anos. “Acabou ficando complicada a realização anual, uma vez que temos os jogos dos funcionários e queríamos aprimorar cada vez mais o campeonato”, esclarece Fuzetto. Quem faz o evento são os funcionários. Este ano, mais de 3 mil voluntários se envolveram na produção. Dos jogos participam cooperados e dirigentes, em uma integração do quadro social e da família Coamo.

Mas o espaço da Copa Coamo não é voltado apenas ao esporte. Além de unir cooperados, dirigentes e familiares, traz em sua concepção a responsabilidade social. A Rua da Cidadania

faz parte do cenário em todas as edições e, na deste ano, levou aos visitantes trabalhos e serviços disponibilizados pela cooperativa.

Entre várias atividades, os estandes de meio ambiente distribuíram mudas de mata ciliar e frutíferas, enquanto o Programa de Qualidade 5S, nas áreas educacional e social, promoveu cursos para as cooperadas, filhas e esposas de cooperados. Houve ainda um estande com artesanatos e quitutes feitos por esposas e filhas de cooperados, resultado do trabalho de promoção social da Coamo - Agroindustrial Cooperativa com o Sescop.

Ao final, a Coamo e o Sicredi Ouro Verde almejam e alcançam o mesmo objetivo: a responsabilidade social. Seja cuidando do meio ambiente ou de crianças, adolescentes e cooperados, estas associações cumprem muito mais que seu papel institucional. Com a Copa Coamo, o Time Verde e o Despertando Talentos, elas ajudam a construir um Brasil melhor. ■

The background of the entire page is a light-colored wooden surface with a vertical grain. Scattered across the top and bottom edges are numerous dark brown, roasted coffee beans. Some beans are clustered together, while others are isolated. The main title is centered in the upper half of the page.

A força do GRÃO

Cada vez mais em alta na preferência internacional, o café brasileiro, que responde por 35% de toda a produção mundial do setor, tem nas cooperativas um forte aliado



Na xícara, na taça, no copo ou em canecas improvisadas, o cafezinho está na mesa de famílias de todas as classes sociais. É um item universalmente popular, em um mercado no qual o Brasil desponta como protagonista: praticamente 35% de todo o café produzido no planeta e 28% das exportações do produto saem do país. Não por acaso, os 50 anos da **Organização Internacional do Café (OIC)** foram comemorados em território brasileiro, durante a **Semana Internacional do Café**, realizada de 9 a 12 de setembro, em Belo Horizonte (MG).

Entre os convidados, ganharam destaque as cooperativas, responsáveis por 48% do café produzido no país. Ao todo, são 102 cooperativas registradas no Sistema OCB, respondendo por 17% do mercado mundial. Os números traduzem a grandeza e a importância dessa cadeia para o país, onde são cultivadas as duas principais espécies comerciais: *Coffea arabica* (café arábica, com 75% da produção nacional) e *Coffea canephora* (café robusta, 25%). A primeira ocorre em regiões de maior altitude, frias, dando origem a um café mais suave e completo, com corpo, acidez, doçura e amargor característicos.

Já o café robusta é conhecido por seu sabor mais forte.

Com tanto padrão de excelência, o café brasileiro tem merecido especial atenção de Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia, Paraná e Rondônia, estados recordistas no setor. Segundo o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas, o panorama requer habilidade para lidar com o excesso e a abundância. “Esse deve ser o principal foco do setor, especialmente do produtor brasileiro, que, com a eficiência adquirida para produzir, tem alta capacidade de responder aos estímulos do mercado”, sinaliza. Para o dirigente, o grande desafio é criar um ambiente favorável à sustentabilidade da cadeia, a fim de mitigar os ciclos de baixos preços ao produtor.

Atualmente, a cultura do café está em franca expansão. “Cafés especiais estão crescendo em uma proporção bem superior aos cafés commodities”, observa Freitas, também produtor do grão (em Franca, SP). “Quantas cafeterias havia em shoppings dez anos atrás? Hoje, você encontra duas diferentes em cada andar. Você vai lá e não toma só café: tem bebidas fantásticas à base de café. Isso é, sem dúvida, uma tendência a ser observada.”

SEM FRONTEIRAS

A OIC é o mais importante organismo intergovernamental do setor cafeeiro. Com sede em Londres, na Inglaterra, a entidade tem como principal missão fortalecer o setor em nível global e promover a expansão sustentável do cultivo do café, visando sempre às melhores condições de produção.





INOVAÇÃO

A instabilidade no preço do café, somada a problemas climáticos e fitossanitários, provocou mudanças na paisagem dos cafezais do país. “Algumas delas foram evidentes, como migrações de regiões produtoras, evolução tecnológica na produção e até mesmo as formas de organização dos produtores”, aponta Pedro Silveira, analista Técnico e Econômico da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

“Independentemente do cenário, sempre é tempo de se pensar em soluções inovadoras”, alerta Silveira, que defende a expansão das pesquisas de

alternativas de uso do produto - como a extração de óleos para fabricação de cosméticos. “O café é uma bebida que fascina e faz parte de diversas culturas. Seu consumo deve ser incentivado ainda mais pelos benefícios e pelo valor funcional que possui”.

O setor cafeeiro tem como desafio a proposição de políticas públicas, a fim de conquistar e posicionar-se no mercado. É aí que entra o diferencial das cooperativas, agentes importantes e com a capacidade única de organização da cadeia produtiva, trabalhando desde a assistência técnica à comercialização. É a garantia de espaço para o café brasileiro.



Matriz Cooxupé

102

Número de cooperativas de cafeicultores registradas atualmente no Brasil

25%

Total da produção da espécie robusta, originária, principalmente, do Espírito Santo e de Rondônia

28%

Participação do café brasileiro no total das exportações mundiais

48%

Percentual de participação das cooperativas na cafeicultura nacional.

75%

Percentual da produção do café arábica, concentrada em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Paraná e parte do Espírito Santo





A gigante do café

**COOXUPÉ MOSTRA A FORÇA
DO COOPERATIVISMO, AO
INVESTIR EM INFRAESTRUTURA
E CONQUISTAR NOVOS
MERCADOS PARA O PRODUTO
MANUFATURADO NA REGIÃO**



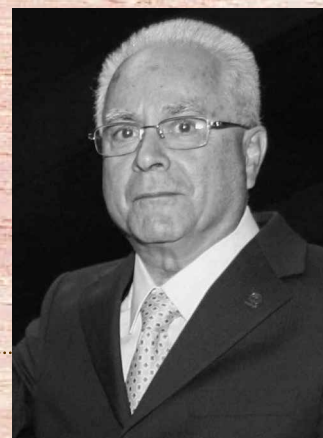


Localizada no Sul de Minas Gerais, uma das principais regiões produtoras de café arábica do país, a Cooxupé (Cooperativa Regional de Cafeicultores de Guaxupé) é a maior exportadora nacional e a maior cooperativa de café do mundo. Composta por 11,5 mil cooperados, mostra sua força e tradição, apesar do momento de preço desfavorável ao setor. Com sólidos investimentos em tecnologia e armazenagem de café, a cooperativa oferece total suporte ao produtor, como a liquidez diária em suas transações, além de manter as exportações do grão verde em alta.

“A boa administração e a força do nosso cooperativismo têm nos preparado para os grandes desafios, entre eles, as oscilações do mercado”, comemora o presidente da Cooxupé, Carlos Paulino da Costa. “Independentemente de variáveis incontroláveis, como clima, volume de produção, entre

outras situações, conseguimos dar apoio total ao cooperado, produzindo um café de ótima qualidade, que ganha cada vez mais novos mercados”. Veja, a seguir, os principais pontos de destaque da cooperativa.

Tradição - Com mais de 80 anos de história, a Cooxupé começou a levar a qualidade do café mineiro para o mundo em 1978, ano de sua primeira exportação direta. De lá para cá, a cooperativa impulsionou a venda para novos mercados e hoje é reconhecida internacionalmente tanto pela qualidade do grão que comercializa quanto pelo seu valorizado processo de rastreabilidade. “A Cooxupé garante a origem total dos seus cafés e, para isso, possui mecanismos que controlam não apenas a completa origem do grão, mas também os produtos e insumos utilizados na lavoura, assegurando a nossa qualidade. Isso é um grande diferencial para a comunidade internacional”, conta o presidente.



Arquivo Cooxupé



A boa administração e a força do nosso cooperativismo têm nos preparado para os grandes desafios. ”

Carlos Paulino da Costa,
presidente da Cooxupé





Arquiteto Cooxupé

Vista aérea de Japy, o complexo industrial da Cooxupé

Números - Além de ser a primeira colocada no ranking de exportação de café em 2008, 2010 e 2012, a Cooxupé bateu recorde no agronegócio brasileiro em 2011, exportando 2,46 milhões de sacas, quantidade jamais atingida por qualquer exportador no Brasil em toda a história. Em 2012, a cooperativa exportou 2,11 milhões de sacas para 41 países. Entre os principais compradores, estão Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Suíça, Espanha, Japão, Reino Unido, Itália, Canadá e França. Além disso, mantém clientes como Starbucks e Nespresso, levando os seus cafés para o consumidor final.

Sustentabilidade - Praticamente todos os cooperados da Cooxupé já aderiram a um ou mais programas de sustentabilidade, um dos pré-requisitos fundamentais para agregar valor ao produto e ganhar tanto o mercado internacional quanto o na-

cional, cada vez mais exigentes. Em 2012, mais de 4.700 produtores ligados à cooperativa se inscreveram nos programas e receberam prêmios no montante de R\$ 8,1 milhões. São projetos que auxiliam na recuperação de matas ciliares e ajudam a melhorar a qualidade de vida do produtor, além de capacitações sobre uso de defensivos agrícolas e equipamentos de proteção individual (EPIs), proteção de nascentes, entre outros.

Área de atuação - A Cooxupé é composta por 28 Unidades de Negócios e um escritório de exportação e importação em Santos (SP). Tem infraestrutura para atender mais de 200 municípios de sua área de atuação, as regiões do sul de Minas, Alto Paranaíba (Cerrado Mineiro) e Vale do Rio Pardo (no estado de São Paulo).

Portas para o mundo - Dono de uma área de 40 hectares com



Arquiteto Cooxupé

Área de armazenamento: capacidade para 900 mil sacas de café

120 mil pés de café plantados, Ademar Pereira conta que, se não fosse a Cooxupé, da qual é cooperado, não haveria como comercializar sua produção. “O todo vale muito mais que as partes”, diz o agricultor, orgulhoso por fazer parte da cooperativa, por meio da qual conseguiu dar vazão ao seu produto com muita agilidade e liquidez. A Cooxupé também fornece insumos, como fertilizantes, defensivos e outros produtos para a produção da lavoura. Além disso, disponibiliza uma equipe para dar suporte técnico gratuito aos cooperados. ■





Márcio Lopes de Freitas,
presidente do Sistema OCB

Um ano se passou desde a aprovação do novo Código Florestal. O marco legal definiu, em outubro do ano passado, parâmetros de práticas mais avançadas para a agricultura brasileira. Doze meses é um tempo apropriado, não apenas para resgatar o passado, mas especialmente para refletir sobre os desafios presentes e futuros que a nova legislação impõe a todos nós. O sistema cooperativista não se omitiu de participar e contribuir durante a fase de elaboração do novo Código Florestal, debate que se transformou num dos mais relevantes da atuação do Congresso Nacional no último ano. Afinal de contas, o compromisso com a sustentabilidade faz parte da

Desafios ao Código

própria essência do cooperativismo, sendo pressuposto da difícil (porém, indispensável) tarefa de promover a harmonização entre equilíbrio ecológico, justiça social e viabilidade econômica no desenvolvimento de atividades produtivas.

No antigo Código Florestal, a ineficiência em conciliar a preservação e a produção revelou uma legislação carente de legitimidade social e praticamente impossível de ser atendida, tamanho era o descompasso de suas regras com a realidade concreta das pessoas, especialmente dos homens e mulheres que dedicam suas vidas à produção de alimentos.

Na avaliação das cooperativas brasileiras, até mesmo o novo Código Florestal poderia ter avançado de forma mais contundente em temas relevantes para a sustentabilidade. Especialmente no que se refere à ampliação dos mecanismos de participação dos estados-membros e na previsão mais efetiva de instrumentos de apoio e recursos para a adoção de medidas ambientalmente adequadas, como os programas de pagamento por serviços ambientais.

Apesar disso - pelo menos comparativamente com a antiga legislação -, o novo Código reúne condi-

ções mais efetivas para promover o binômio preservação ambiental + aumento da produtividade. Isto porque permite aumentar a proteção das florestas e da vegetação natural ainda existentes, além de ampliar a segurança das atividades agropecuárias já desenvolvidas no país. Os avanços são importantes e inegáveis. A realidade concreta das pessoas está mais bem contemplada, especialmente com o reconhecimento das áreas rurais consolidadas, para as quais foram previstas regras próprias de regularização, o que reduz o cenário de insegurança jurídica e de marginalização que marcavam a legislação anterior.

Aos estados participantes foi atribuído papel mais ativo, especialmente na definição de regras específicas dos Programas de Regularização Ambiental. Com isso, amplia-se a participação efetiva das pessoas diretamente envolvidas nas questões de meio ambiente, permitindo que sejam levadas em consideração as peculiaridades regionais, inerentes à dimensão continental de nosso país.

Além disso, a estipulação de regras mais vantajosas para as pequenas propriedades rurais representa o reconhecimento de sua situação de maior fragilidade, incorporando

a vertente social no âmbito da nova legislação. Porém, como já alertava Thomas Jefferson, “a aplicação das leis é mais importante que a sua elaboração”.

Isso traz novos e ainda maiores desafios, entre os quais se destacam: a definição e operacionalização do Cadastro Ambiental Rural e dos Programas de Regularização Ambiental; a adequação das legislações estaduais e da atividade de fiscalização ao contido no novo Código Florestal federal; a interpretação judicial da nova legislação, notadamente as Ações Diretas de Inconstitucionalidade pendentes de julgamento no Supremo Tribunal Federal. E o sistema cooperativista, também agora na etapa de interpretação e aplicação do novo Código Florestal, permanece atento e disposto a prestar a sua contribuição institucional, a fim de que os avanços potencializados pelo novo normativo possam ser efetivamente concretizados na prática. ■



PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE
O CÓDIGO FLORESTAL, ACESSE:
www.cooperacaoambiental.coop.br

Florestal



Defensor do cooperativismo como ferramenta da democracia, o filósofo Clóvis de Barros Filho critica fórmulas de bem-estar e reforça a noção de que trabalho traz felicidade

escco

Um dos palestrantes mais requisitados do Brasil, com ações desenvolvidas em empresas ligadas ao segmento do cooperativismo, o filósofo Clóvis de Barros Filho, professor de ética da USP, aprecia o sistema das cooperativas. “Quando some o agente explorador do trabalho e todos passam a ganhar pelas próprias contribuições por serem donos da empresa, o discurso ético se torna mais democrático, de igual para igual, mesmo tendo hierarquias”, analisa. “O desafio é tirar maior proveito dessa situação de solidariedade entre os membros.”

Sua experiência com o trabalho cooperativista lhe confere uma visão aguçada sobre valores coletivos e individuais. Por isso, considera tirânicas as fórmulas prontas de bem-estar, de dietas e de sucesso na vida. Para ele, apenas cada um pode ser especialista em si mesmo. “É preciso descobrir um jeito de viver, porque o que me alegra não necessariamente alegra outras pessoas. A filosofia joga no nosso colo a responsabilidade de descascar esse abacaxi, que é decidir o tempo inteiro para onde ir, por onde, seguindo quais regras e abandonando que projetos”, assinala.

Viver é
lher



É preciso ser cuidadoso, apon-ta, na hora de estabelecer metas – principalmente aquelas traçadas para um ano que vai começar. Para ele, prender-se a padrões prees-tabelecidos de sucesso e felicidade pode ser uma armadilha que impe-de uma pessoa de enxergar o que realmente é bom para sua vida. De-sejar o que não se tem, lembra, é na-tural e até necessário, mas a felici-dade não está no inatingível.

Em sua palestra mais conheci-da, Barros Filho afirma que a maio-ria das pessoas mede o sucesso pe-lo dinheiro: “Se a vida valeu a pena, naquele dia, foi pelas sensações que tivemos, pela nossa capacida-de de sorrir, de nos alegrarmos. E isso não tem nada a ver com nú-meros”. Aí reside a importância do amor, que ele apresenta sob a óti-ca de três filósofos: Platão (o dese-jo que nos move, Eros), Aristóteles (a alegria no que temos ou, simples-mente, a posse – do grego *philia*) e Cristo (Ágape, o amor que visa ao bem-estar do outro, como nas rela-ções de pais e filhos). Uma vida boa concilia esses três jeitos de amar. E ele ensina: “Deseje demais o que quer, eroticamente, à moda de Pla-tão; consiga se alegrar com aquilo que lhe faz bem no mundo e, final-mente, tire a tristeza de quem está ao seu lado”.



Se a vida valeu a pena, naquele dia, foi pelas sensações que tivemos, pela nossa capacidade de sorrir, de nos alegrarmos. E isso não tem nada a ver com números. ”

TRABALHO E ALEGRIA

Passar do desejo para a alegria é um sinal de sofisticação afetiva, comenta o filósofo. O normal é ir de desejo em desejo, sempre que-rendo mais, e isso se aplica, inclu-sive, ao mundo empresarial, reple-to de metas que sempre precisam ser constantemente superadas. Pa-rra Barros Filho, a expressão “happy hour” indica que apenas fora do tra-balho é possível ser feliz. “Esperar as 18h de sexta-feira para ter ale-gria indica que sua vida é horrível e você precisa trocar de emprego. ‘Happy hour’ é na segunda-feira, às 8h”, ressalta.

Para o professor, ética é estar disposto a refletir como vamos vi-ver e a discutir a vida como ela se apresenta. “As formigas não têm autonomia para escolher como vi-vem; nós, sim. A filosofia é emanci-padora, libertadora”, declara Bar-ros Filho. Então, por que é tão difícil ser livre? “Porque é mais fácil dei-



...xar os outros tomarem as decisões por nós. Somos incapazes de agir livremente e encarar as consequências de nossas decisões. Preferimos culpar os outros e deixar os empresários, militares e políticos escolherem nosso destino. Liberdade é sinônimo de dificuldade.”

No entanto, essa autonomia para traçar caminhos pressupõe abandonar outros projetos. “Toda vez que se faz uma escolha, jogam-se infinitos outros caminhos no lixo. É sempre difícil, porque se perde muito mais do que se ganha. Escolher significa renunciar e passa longe de fórmulas prontas de sucesso e felicidade”, afirma Barros Filho, um dos fundadores do Espaço Ética, em São Paulo, com o psicanalista Arthur Meucci, também professor e mestre em filosofia. Além de atuarem como consultores empresariais, os dois escreveram *A vida que vale a pena ser vivida* e o recém-lançado *O executivo e o martelo: reflexões fora da caixa sobre ética nos negócios*, uma provocação aos parâmetros éticos do mundo empresarial.

Viver é agir e sofrer as consequências; é estar à mercê. Relacionar-se com o mundo, portanto, tem uma capacidade infinita de entristecer. “Aquele que acha que poderá viver um estado eterno de felici-

dade acredita em uma espécie de blindagem. Qualquer coisa nos entristece, basta estar com pressa e o semáforo fechar que já ficamos nervosos, ou seja, qualquer besteirinha é suficiente para provocar instabilidade. Muito ingênuo é aquele que acha que a vida vai ser um longo fluxo tranquilo”, alerta o filósofo.

Barros Filho afirma que o que existem são instantes de alegria, um estado de ânimo em que o ser humano ganha potência para agir, ou seja, fica energizado para encarar os problemas. “Buscamos onde nos alegrar, mas não controlamos o que acontece conosco, então, inevitavelmente, a tristeza virá”, avisa.



Somos incapazes de agir livremente e encarar as consequências de nossas decisões. Preferimos culpar os outros e deixar os empresários, militares e políticos escolherem nosso destino. Liberdade é sinônimo de dificuldade. ”

SATISFAÇÃO

Muitas vezes apontado como inimigo do espírito natalino, o consumo, apesar de individual, é uma forma de pertencer ou ser aceito no grupo, na definição de Barros Filho. Por sermos seres sociais e não sabermos viver sozinhos, o encontro com a própria satisfação depende de condições como educação e aceitação para que o sujeito possa se entender. “Somos uma sociedade consumista, mas não egoísta, como dizem os pós-modernos”, opina.

E que tal as resoluções de ano-novo? Seriam um incentivo à mudança pessoal ou apenas um hábito repetitivo? Para Clóvis de Barros Filho, trata-se de um ritual presente em todas as culturas, que, no entanto, é uma espécie de neurose da repetição. Já Arthur Meucci propõe uma visão mais sob o viés da psicologia. “As resoluções de Ano Novo são um gesto de culpa pelas atitudes não tomadas que tornaram a vida até ali ruim e, ao mesmo tempo, são uma renovação da autoconfiança em conseguir ter coragem e forças para melhorá-la. É um fenômeno psíquico interessante, pois, sem querer, admitimos nossas culpas e nos sentenciamos à redenção. O fim do ano nos estimula a fazer uma retrospectiva moral de nossas atitudes”, conclui. ■



FELICIDADE



ELIANA MEDEIRO

Uma mulher de fibra

Tão logo se formou em contabilidade, a amazonense Eliana Medeiro não pensou duas vezes: escolheu uma cooperativa para fazer o estágio obrigatório. Era destino traçado. Vinte e um anos se passaram, e ela, que começou como auxiliar de escritório, veio a ser a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente da Cooperativa Mista Agropecuária de Manacapuru (Coomapem). Tal conquista é o resultado de um trabalho norteado pela preocupação com o bem comum.

“Costumo dizer que fui picada pela abelhinha do cooperativismo”, conta a trabalhadora. Talvez essa “abelhinha” já estivesse armazenada em sua programação genética, aguardando a hora certa para aflorar. Filha de agricultores cooperados, Eliana cresceu em Costa do Canabuoca (cidade que faz parte do município de Manacapuru), onde acompanhou a lida do pai no cultivo da juta, importante fibra utilizada nas confecções e uma das bases da economia da região.

“Eu era muito menina, ainda não entendia o que era cooperativa e acho que nem meu pai entendia”, lembra. “A noção que eu tinha era a de um local que proporcionava acesso financeiro, porque, muitas vezes, ia a Manacapuru pegar dinheiro para ele.” O tempo passou e, com a entrada na Coomapem como estagiária, essa pequena noção de Eliana foi ampliada pela compreensão do universo que representa o sistema cooperativista. Tudo veio na prática.



Priscilla Torres



Logo na primeira entressafra, a exemplo de outros funcionários, ela foi demitida. Na safra seguinte, chamaram-na de volta. “Entusiasmada, continuei.” Ao longo dos anos, a paixão de Eliana pelo cooperativismo seria colocada à prova diversas vezes. “Cheguei a ficar três anos sem receber salário, mas estava todo dia lá.” Tamanha dedicação não tardou a consolidar um perfil que, em pouco tempo, trouxe à tona seu talento para a liderança.

LIDERANÇA

Esse talento se revelou em um momento de crise, quando a fibra de juta ficou desvalorizada. “Como só trabalhávamos com fibra, fomos ao fundo do poço”, lembra. Com a

perda crescente de crédito, muitos cooperados começaram a abandonar a base, desiludidos com os rumos da economia local. Diferentemente da maioria dos colegas, Eliana entendeu que, justamente por se tratar de uma época difícil, era hora de reagir: “Decidi ficar, porque acreditava que um dia a cooperativa iria sair daquela situação”. Foi o passo mais acertado, o tempo viria a mostrar.

Em um cenário preocupante no qual houve até quem sugerisse a extinção da Coomapem, Eliana comprou a briga. Convocou cooperados, formou uma frente de trabalho e descobriu, em Belém, uma empresa de tecelagem que necessitava de fibra. O capital inicial necessário era de R\$ 2 mil, dinhei-

ro que ela conseguiu reunir, levou ao então presidente da cooperativa e propôs: “Se desperdiçarmos esta oportunidade, pode demorar a aparecer outra”.

De imediato, não houve muito interesse. Mas a trabalhadora não se demoveu da ideia: pegou o barco, localizou produtores e cooperados e explicou a cada um a importância de recomeçar. “Cheguei com 10 toneladas de fibra. O que eu precisava era mostrar que estávamos interessados”, relata. Desistir, definitivamente, é um verbo que Eliana desconhece. Tal característica viria a ser testada em várias outras oportunidades.

CRISE

Praticamente abandonada, a Coomapem, naquela ocasião, enfrentava dificuldades de toda ordem. Um dia, saquearam a cooperativa, da qual, entre outros pertences, foi levado o único aparelho de ar-condicionado de todo o prédio. Parecia o fim de uma era. Mas a valente trabalhadora não se intimidou: descobriu quem eram os ladrões, procurou-os e deu o ultimato: “Amanhã eu quero de volta esse aparelho à cooperativa, senão vou à polícia”. Na manhã seguinte, lá estava o produto devolvido.

A essa altura, o perfil de líder de Eliana já marcava presença entre os cooperados, muitos dos quais voltaram à Coomapem influenciados por ela. Uma das ações importantes que a trabalhadora ajudou a implantar foi a diversificação da atividade da empresa, que passou a ser mista, abrindo uma frente pa-



Confesso que nunca trabalhei pensando em recursos, em dinheiro para mim, mas pela satisfação de saber que posso ajudar, que sou útil aos cooperados e às famílias, em geral – porque a cooperativa não ajuda só associados, mas toda uma cidade. »

ra a agropecuária. “Não podíamos ficar só na fibra, pois é um setor que funciona durante seis meses e depois fica parado. Não tem lógica sobreviver desse jeito, muito menos em uma cooperativa”, explica.

Mesmo assim, Eliana enfrentou resistência e preconceito para chegar à presidência da cooperativa. “Muita gente não acreditava no meu trabalho”, comenta. Impedida por estratégias burocráticas de concorrer ao cargo, ela convenceu o pai, Teodoro Leal do Carmo, a formar uma chapa. “Trabalhamos, houve eleição e meu pai ganhou por três ou quatro votos. Foi um clima tenso. Disseram que iam recorrer, o então presidente me proibiu de entrar no escritório... Mas tínhamos feito tudo certinho, e meu pai ficou dois anos.”

No fim do mandato de seu Teodoro, Eliana enviou uma proposta à diretoria e teve seu nome finalmente aceito pela assembleia. Disputou a eleição e ganhou. De cara, conseguiu aprovar o mandato de quatro anos - gestão que conta com a simpatia dos cooperados. Nem por isso, os tempos difíceis haviam dado trégua. Em julho deste ano, um incêndio de grandes proporções destruiu um galpão de juta, trazendo um prejuízo de mais de R\$ 2 milhões. Aquele trágico domingo ficou na memória.

PERSEVERANÇA

Eliana chegara de seu sítio e estava em casa, quando, por volta das 22h, recebeu a visita de uma funcionária da cooperativa com a notícia. “Havia um vendaval forte

e os telefones não funcionavam”, lembra. A caminho do local, de longe, despontavam as chamas devorando o galpão. O pesadelo real não abalou sua fé, fundamental para que ela pudesse amparar os demais colegas.

Eliana se emociona ao recordar o dia em que foi procurada por um cooperado de 75 anos. “Minha filha, e agora, como é que eu vou pagar o banco?”, perguntou, desesperado. “Eu o abracei, engoli o choro e disse: ‘Não sei, mas pode ter certeza que Deus vai mostrar uma solução para nós’.” Ao que ele retrucou: “Se você está dizendo, é porque nós vamos conseguir”. Atualmente, a Coomapem luta para a reconstrução da sede.

“Não vejo o incêndio como o pior”, avalia a brava dirigente. “O pior é quando não tínhamos crédito nem confiança de ninguém. Agora, temos apoio, credibilidade, parceiros que acreditam.” É com esse espírito de renovação permanente que Eliana não só conduz a cooperativa, mas desenha seus horizontes e os de sua família.

“Confesso que nunca trabalhei pensando em recursos, em dinheiro para mim, mas pela satisfação de saber que posso ajudar, que sou útil aos cooperados e às famílias, em geral - porque a cooperativa não ajuda só associados, mas toda uma cidade”, resume. Eliana se orgulha de poder ampliar os horizontes dos filhos - Eduardo, 21 anos, estudante de publicidade; e Eduarda, 19, que faz fisioterapia. “Hoje, posso dar a eles uma vida que meus pais não puderam me dar”, destaca.

“Ser mulher, mãe e presiden-

te de cooperativa ao mesmo tempo não é fácil, mas eu gosto”, arre-mata. “Amo ser cooperativista.” Ela tem do que se orgulhar: atualmente, a Coomapem é responsável por mais de 200 empregos na cidade, chegando a contabilizar mais de R\$ 2 milhões em uma safra de juta. Eis aí uma mulher de fibra. Curiosamente, trabalha com a juta como matéria-prima. E demonstra maturidade para tecer muito mais. ■





CONTRIBUIÇÃO NOVAS TABELAS DE CONTRIBUIÇÃO SINDICAL 2014

Estão disponíveis as tabelas de contribuição sindical 2014 do sistema cooperativista. O reajuste foi de 10%, tendo as novas tabelas sido aprovadas em reunião da diretoria da Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop). A contribuição é compulsória e deve ser feita pelas cooperativas às entidades sindicais de sua representação. O recolhimento será efetuado em janeiro de 2014, por meio de parcela única. Mais informações sobre a contribuição sindical podem ser obtidas na entidade sindical representante de cada cooperativa ou na CNCoop. O contrato e o termo de adesão estão disponíveis no link: www.brasilcooperativo.coop.br/site/agencia_noticias/noticias

PARA LER COMO MELHORAR A ADMINISTRAÇÃO DE SUA COOPERATIVA

Uma boa sugestão de leitura para conselheiros e dirigentes de cooperativas de crédito, auditores e contadores é *Auditoria das Demonstrações Contábeis: Cooperativas de Crédito*, livro escrito por Alexandre Euzébio Silva, diretor da Confederação Nacional e Auditoria Cooperativa (CNAC). A publicação sugere formas para melhorar a administração de cooperativas e traz ideias de boas práticas de gestão, governança e controles internos. O livro foi elaborado com base nas novas normas nacionais e internacionais de auditoria, com ênfase em aspectos relacionados à fraude.



O lançamento, da Editora Confabras, pode ser adquirido pelo site: www.confabras.com.br/livraria.

JOVENS ASSOCIADOS

“O crescimento da participação de associados jovens no quadro social da Cooperativa Languiru” é o artigo científico apresentado pelo engenheiro agrônomo Renato Kreimeier, presidente da Cooperativa Languiru, do Vale do Taquari (RS), como conclusão do curso de pós-graduação em gestão de cooperativas, do Univates. A fim de divulgar as cooperativas e incentivar a prática de gestão, Kreimeier editou a publicação, que pode ser adquirida diretamente com ele. Contatos: diretoria@languiru.com.br ou pelo telefone (51) 3762 5602.



EDIÇÃO ESPECIAL

Este mês, a *Saber Cooperar* terá uma edição especial sobre o evento de entrega do Prêmio SESCOOP Excelência de Gestão, realização do Sistema OCB em parceria com a Fundação Nacional de Qualidade (FNQ). Durante a premiação, em 19 de novembro, foram entregues troféus a 28 cooperativas, nas categorias Ouro, Prata e Bronze. A Unimed Vitória foi a grande vencedora da noite, e a C. Vale recebeu o Destaque Governança. A revista trará material sobre a premiação e um breve histórico das cooperativas vencedoras.



OCB NA CONSTITUINTE



Roberto Rodrigues

Líder cooperativista, é coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Embaixador da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) para o Ano Internacional do Cooperativismo. A partir desta edição, a última página da *Saber Cooperar* será enriquecida com um artigo do autor.

Acevo Pessoal

Tive o privilégio de presidir a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) no período que antecedeu a eleição da Assembleia Nacional Constituinte e durante todo o trabalho da mesma. Vale lembrar que a convocação da ANC era compromisso do candidato Tancredo Neves, com vistas a modernizar a nossa Carta Magna. Com a morte do presidente eleito, o vice-presidente empossado, José Sarney, cumpriu a promessa e convocou as eleições que escolheriam os parlamentares constituintes em 1986.

Todos os setores representados do país se organizaram para conseguir inserir na nova Constituição os temas de seu interesse.

O cooperativismo fez sua lição de casa. Pedi ao Dr. José de Campos Melo, extraordinário assessor jurídico da OCB, que preparasse uma cartilha explicando com detalhes o que



era uma Constituição e como funcionaria a ANC. Esse documento, vazado em termos claríssimos, foi enviado a todas as cooperativas brasileiras, capeado por carta minha solicitando que cada uma discutisse o assunto com seus respectivos cooperados e encaminhasse à OCB suas propostas.

Centenas de sugestões chegaram à nossa instituição. Campos Melo liderou um grupo de juristas que analisaram cada proposta, terminando por reduzi-las a apenas cinco, que se tornaram o objeto do lobby cooperativista.

A seguir, enviei a cada partido político, em todos os estados, carta mostrando quais eram esses objetivos, e solicitando apoio a eles. E sugeria que os candidatos à Constituinte de cada partido que estivessem dispostos a trabalhar por eles, assinassem documento que estava anexo à carta, assumindo o compromisso de lutar pelo ideário explicitado nos cinco itens. Dizia, por fim, que aqueles candidatos signatários do documento seriam apoiados pelas cooperativas, de acordo com a legislação em vigor.

As organizações estaduais se encarregaram de apresentar os candidatos assim comprometidos, e logo vieram as eleições. Foram eleitos 41 parlamentares sob essas condições. Logo depois de empossados,

reunimos todos os eleitos no Salão Nobre do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), sob os auspícios do ministro da Agricultura Iris Rezende (ele mesmo um cooperativista) e iniciamos os trabalhos junto à ANC com a criação da Frente Parlamentar do Cooperativismo, suprapartidária e presidida pelo deputado catarinense Ivo Vanderlinde. Em pouco tempo, 217 parlamentares estavam alinhados à Frente e, com o trabalho articulado com a OCB (cujo brilhante assessor parlamentar, Vergílio Périus, tinha mesa no gabinete de Vanderlinde), lograram, ao final dos trabalhos, inserir na Nova Constituição quatro dos cinco artigos desejados e mais dois que surgiram durante os trabalhos.

O resultado foi muito bom, e nosso movimento ficou tão admirado pelo mundo afora que fomos chamados a falar sobre nosso processo em vários países que estivessem reformando suas constituições.

Mas o “causo” curioso a lembrar foi a quantidade de propostas sem sentido que vieram dos diversos rincões brasileiros. O mais notável foi uma sugestão de colocar na Constituição um artigo que garantisse às cooperativas o direito de ter caixa 2; só assim daria para competir com quem sonegava impostos na concorrência... Cada uma... ■



Todos os setores representados do país se organizaram para conseguir inserir na nova Constituição os temas de seu interesse. ”

Prêmio OCEPAR 2013 de Jornalismo



Cooperativismo no Paraná

Matérias veiculadas entre 1º de agosto de 2012 e 28 de fevereiro de 2014

Prazo final para inscrições de trabalhos: 28 de fevereiro de 2014

Novidade: Destaque Jornalismo Paranaense - Indicação do Júri

Informações: 41 3200.1150 | jornalismo@sistemaocepar.coop.br | www.paranacooperativo.coop.br

Iniciativa



Patrocínio



Apoio



De 15 a 17 de Maio
Das 14h às 21h - Expo Unimed Curitiba - PR

A EXPOCOOP DO MUNDO É NOSSA!

6.000 visitantes profissionais • 150 expositores de vários países • 7.500m²



EXPOCOOP

Feira Internacional de Negócios para o Setor Cooperativo

É no Brasil. É nossa.

A EXPOCOOP 2014 é a maior feira destinada a promover produtos e serviços de cooperativas, e será no Brasil! É uma grande oportunidade para as cooperativas brasileiras ampliarem relacionamentos, demonstrarem produtos, serviços, inovações e criarem uma plataforma de negócios entre os produtores e o mercado consumidor nacional e internacional. Entre para o time **Expocoop 2014** e esteja lado a lado com líderes cooperativistas, compradores e fornecedores de todo o mundo. **Expocoop 2014 é show de bola!**



Reservas de stands (Portugal):

Tel.: 00 (operadora) 351 214 827 503

anabranco@expocoop.com

Apoio Oficial



Apoio Institucional



Apoio Institucional



Local



Promoção & Organização



www.expocoop.com